

CLIVE BARKER



O
CORACÃO
CONDENADO



"O Coração Condenado" é um dos contos mais eletrizantes sobre o coração humano e todos os grandes terrores e êxtases que ele encerra. É sobre cobiça e amor, apatia e desespero, desejo e morte. Vida e aprisionamento, sinos e sangue. É, provavelmente, uma das histórias mais assustadoras que você jamais lerá. O filme Hellraiser (no Brasil, "Renascido do Inferno"), também escrito e dirigido pelo autor, Clive Barker, foi baseado nesta noveleta.

UM

Frank estava tão concentrado em desvendar o enigma do funcionamento da caixa de Lemarchand, que nem ouviu o grande sino começar a tocar. O dispositivo fora construído por um artesão experiente, e o mistério era tal que, embora soubesse que a caixa guardava maravilhas, não parecia haver maneira de abri-la, nem indicação em nenhuma de suas seis faces laqueadas em preto, da localização dos pontos de pressão que desencaixaria uma das partes deste quebra-cabeça tridimensional de suas outras partes.

Frank já havia visto quebra-cabeças similares - a maioria em Hong Kong, produtos adequados ao gosto chinês de transformar madeira maciça em algo metafísico – mas à acuidade e genialidade dos chineses o Francês acrescentara uma lógica perversa que lhe era própria. Se havia um sistema para solucionar aquele enigma, Frank não conseguia descobrir. Só depois de várias horas de tentativas e erros, uma justaposição fortuita dos dedos polegares, dedos médios e mindinhos funcionou: houve um quase imperceptível clique, e então – vitória! – um segmento da caixa deslizou de sua posição.

Então ele fez duas descobertas.

A primeira, que as superfícies internas eram brilhantemente polidas. O reflexo distorcido de Frank, fragmentava-se através da laca. A segunda, que Lemarchand, que em sua época fora um fabricante pássaros cantores¹, havia construído a caixa de forma que a abertura acionasse um mecanismo musical que começou a tilintar um curto rondo de banalidade sublime.

Encorajado pelo sucesso, Frank continuou a trabalhar fervorosamente na caixa, rapidamente encontrando novos alinhamentos de ranhuras caneladas e cavilhas lubrificadas que, por sua vez revelaram mais complexidades. E com cada solução – cada nova meia volta ou ponto pressionado – mais um elemento melódico era acionado – a canção contraposta e desenvolvida até o capricho inicial perder-se inteiramente na ornamentação.

A certa altura de sua tarefa, um sino começara um dobre firme e sombrio. Ele não ouviu, pelo menos não conscientemente. Mas quando o enigma estava quase desvendado – os interiores espelhados da caixa já abertos – ele tomou consciência de que seu estômago agitava-se tão violentamente ao som do sino, que era provável que estivesse tocando há uma eternidade.

Levantou os olhos de seu trabalho. Por poucos momentos, supôs que o barulho viesse de fora, da rua – mas rapidamente descartou esta impressão. Era quase meia-noite quando começara a trabalhar na caixa do fabricante de pássaros; deste então, várias horas se passaram – horas das quais ele não teria tomado conhecimento, não fosse o seu relógio. Não havia igreja na cidade – muito menos uma tão desesperada por fiéis – que pudesse estar tocando um sino de convocação àquela hora.

Não. O som vinha de algum lugar mais distante, através da própria porta (mesmo que ainda não-visível) que a milagrosa caixa de Lemarchand fora construída para abrir. Tudo o que Kircher - que lhe vendera a caixa - lhe prometera, era verdade! Estava no umbral de um novo mundo, um território infinitamente distante do quarto onde estava sentado.

Infinitamente mais distante; mas ainda assim, naquele momento, subitamente mais próximo.

O pensamento acelerou sua respiração. Ele antecipara este momento tão fortemente, planejara esta espiada por baixo do véu com toda a inteligência que possuía. Em instantes eles estariam ali – aqueles a quem Kircher chamava de Cenobitas, teólogos da

Ordem de Gash. Invocados de suas experiências nos mais elevados reinos do prazer, para trazer suas mentes atemporais a este mundo de chuva e fracassos.

Na semana anterior, trabalhara incessantemente na preparação do quarto para eles. O assoalho nu havia sido meticulosamente esfregado e recoberto com pétalas. Na parede à esquerda, havia montado uma espécie de altar, decorado com o tipo de oferendas apaziguadoras que Kircher garantira que atrairia suas boas graças: ossos, bombons, agulhas. Uma jarra contendo sua urina – o resultado de uma coleta de sete dias – estava à esquerda do altar, caso quisessem algum gesto espontâneo de auto profanação. À direita, um prato com cabeças de pombos, que Kircher também aconselhara a manter por perto.

Não descuidara de nenhum detalhe do ritual de invocação. Nem mesmo um cardeal, ansioso para ser nomeado papa, teria sido mais diligente

Mas agora, enquanto o som do sino aumentava, abafando a caixinha de música, sentiu medo.

"Tarde demais", murmurou para si mesmo, na esperança de dominar seu medo crescente. O dispositivo de Lemarchand estava aberto; o truque final fora executado. Não havia mais tempo para subterfúgios ou arrependimentos. Além disto, ele não arriscara tanto sua vida, quanto sua sanidade, para possibilitar aquela revelação? Naquele exato momento, o portal estava se abrindo para prazeres que poucos humanos sequer sabiam existir, muito menos teriam a chance de experimentar – prazeres que redefiniam os parâmetros das sensações, prazeres que o libertariam do ciclo maçante de desejo-sedução-decepção que o atormentava desde o fim da adolescência. Ele seria transformado por aquele conhecimento, não seria? Nenhum homem poderia experimentar a profundidade de tais sentimentos e continuar o mesmo.

A lâmpada no centro do quarto diminuiu de intensidade e então brilhou forte, brilhou e diminuiu de novo. Ao ritmo do sino, brilhando

mais fortemente a cada badalada. No intervalo entre as badaladas, a escuridão no quarto era total; como se o mundo que ele ocupava por vinte e nove anos tivesse deixado de existir. Então o sino tocava de novo e a lâmpada brilhava, tão forte que parecia jamais ter se apagado e, por alguns segundos preciosos ele se via em um lugar familiar, com uma porta que levava para fora e para baixo e para a rua, uma janela através da qual – se ele tivesse vontade (ou forças) de arrancar as venezianas – poderia vislumbrar um rumor da manhã.

Com cada repique, a luz da lâmpada ficava mais reveladora. Com ela, ele viu a parede à direita descascar; viu os tijolos perderem momentaneamente a solidez e desaparecerem; viu, no mesmo instante, o lugar além do quarto de onde o alarido do sino estava sendo emitido. Um mundo de pássaros, seria isto? Grandes pássaros negros presos em eterna tempestade? Tudo o que conseguia distinguir do território, de onde – mesmo agora – os hierofantes se aproximavam – era que reinava a confusão, cheia coisas frágeis quebradas que se avolumavam e caíam e enchiam o ar escuro com o seu terror.

Foi então que a parede ficou sólida de novo e o sino silenciou. A lâmpada apagou. Desta vez, sem esperanças de voltar a acender.

Ele ficou parado, em pé, na escuridão, sem dizer nada. Mesmo que conseguisse se lembrar das palavras de saudação que ensaiara, sua língua não as teria pronunciado. Ela jazia morta em sua boca.

E então, luz.

A luz emanava deles: do quarteto de Cenobitas que agora, com a parede selada às suas costas, ocupavam o quarto. Uma fosforescência vacilante, como o brilho dos peixes que vivem nas áreas mais profundas dos oceanos: azul, gélido, sem encantos. Ocorreu a Frank que jamais havia se perguntado como eles seriam. Sua imaginação, embora fértil em se tratando de trapaças e golpes, era pobre em relação a outros assuntos. A capacidade de imaginar estas eminências estava além dele, então, não havia nem tentado.

Então por que se sentia tão perturbado só de olhar para eles? Seria por causa das cicatrizes que cobriam cada centímetro de seus corpos, a carne cosmeticamente perfurada, fatiada, mutilada e então cicatrizada com cinzas? Seria o cheiro de baunilha que traziam em si, cuja doçura não era capaz de disfarçar o fedor que havia por baixo? Ou seria - ao examiná-los sob a luz mais intensa, e mais de perto - por ele não ver nenhuma alegria, nenhum resquício de humanidade em seus rostos mutilados; somente desespero e um apetite que fez suas entranhas se contraírem.

– Que cidade é esta? – perguntou um deles. Frank teve dificuldades em distinguir o gênero do interlocutor. Suas roupas, algumas das quais costuradas diretamente na pele, e através dos músculos e tendões, escondia suas partes privadas, e não havia nada em sua voz, ou nas feições intencionalmente desfiguradas que desse qualquer indicação. Enquanto falava, os ganchos que se dependuravam de suas pálpebras unidos, por um sistema intrincado de correntes que passavam por carne e ossos, à ganchos semelhantes no lábio inferior - eram repuxados pelo movimento, expondo a carne reluzente por baixo.

– Eu fiz uma pergunta. – ele disse. Frank não respondeu. O nome da cidade era a última coisa em sua mente.

– Você nos compreende? – a figura ao lado do interlocutor perguntou. Sua voz, ao contrário da voz do companheiro, era leve e sussurrante – a voz de uma garota excitada. Em cada centímetro de sua cabeça havia tatuado um intrincado padrão quadriculado e, a cada intersecção das linhas horizontais com verticais, havia uma joia em forma de alfinete, enfiada profundamente até o osso. A língua era decorada de forma similar. – Você ao menos sabe quem somos? - ela perguntou.

– Sim. – Frank disse, por fim. – Eu sei.

É claro que sabia; ele e Kircher passaram longas noites discutindo os indícios descobertos nos diários de Bolingbroke e Gilles de Rais.

Tudo o que a humanidade sabia sobre a Ordem do Gash, ele sabia.

E ainda assim... Esperara algo diferente. Esperara alguns sinais dos inúmeros esplendores aos quais eles tinham acesso. Pensara que viriam ao menos com mulheres; mulheres besuntadas em óleo ou leite; mulheres depiladas e moldadas para o ato do amor: lábios perfumados, coxas trêmulas, ansiosas por abrirem-se, traseiros volumosos, do jeito que ele gostava. Esperara gemidos, e corpos lânguidos esparramados ao chão, sob seus pés como um carpete vivo; esperara prostitutas virgens cujas fendas fossem dele para tomar e cujas habilidades o elevariam, elevariam a êxtases inimagináveis. O mundo seria esquecido nos braços delas. Ele seria exaltado, ao invés de rebaixado, pela luxúria.

Mas não. Não havia mulheres, nem gemidos. Somente estes seres assexuados, com suas peles marcadas.

Agora foi a vez do terceiro falar. Suas feições estavam tão pesadamente escarificadas – as feridas nutridas até parecerem infladas – que seus olhos eram invisíveis e suas palavras indistinguíveis devido à boca desfigurada.

– O que você quer? – ele perguntou.

Ele encarou aquele que fez a pergunta com mais confiança do que havia sentido diante dos outros dois. Seu medo diminuía a cada segundo. Lembranças do lugar aterrorizante, além da parede, já estavam sendo esquecidas. Ele foi deixado com estes decadentes decrépitos, com seu fedor, suas estranhas deformidades, sua evidente fragilidade. A única coisa que havia a temer era a náusea.

– Kircher disse que haveria cinco de vocês. – Frank disse.

– O Engenheiro chegará no momento oportuno, – foi a resposta. – Agora, perguntamos novamente: O que você quer?

Por que não responder com sinceridade?

– Prazer. – ele respondeu. – Kircher disse que vocês sabem tudo sobre Prazer.

– Oh, sabemos, – disse o primeiro deles. – Tudo o que você sempre quis.

– Sim?

– É claro. É claro. – ele encarou-o com seus olhos exageradamente nus. – Com o que você sonha? – ele disse.

A pergunta, feita assim tão diretamente, o confundiu. Como ele poderia tentar articular a natureza dos fantasmas que sua libido criara? Ele ainda procurava palavras quando um deles disse:

– Este mundo... Ele te decepçiona?

– Demais. - respondeu.

– Você não é o primeiro que se cansa das trivialidades do mundo, – veio a resposta. – Já houve outros.

– Não muitos. - disse aquele de rosto quadriculado.

– Verdade. Somente um punhado. Mas poucos ousaram usar a Configuração de Lemarchand. Homens como você, famintos por novas possibilidades, que ouviram falar de nossas habilidades desconhecidas em sua região.

– Eu esperava... - Frank começou.

– Nós sabemos o que esperava. – replicou o Cenobita. – Compreendemos a amplitude e profundidade da natureza de seu frenesi. Ela nos é inteiramente familiar.

Frank gemeu.

– Então, – ele disse, – vocês conhecem meus sonhos. Podem proporcionar o prazer.

O rosto da coisa se abriu, com os lábios se curvando para trás: um sorriso de macaco.

– Não da forma como você o compreende. – foi a resposta.

Frank fez menção de interromper, mas a criatura ergueu uma mão, silenciando-o.

– Há condições de estímulo das terminações nervosas, – ele disse – do tipo que sua imaginação, por mais febril, jamais conseguiria evocar.

– ... sim.

– Oh, sim. Oh, certamente. Sua mais preciosa depravação é brincadeira de criança, se comparada às experiências que oferecemos.

– Você aceita participar delas? – disse o segundo Cenobita.

Frank olhou para as cicatrizes e os ganchos. De novo, sua língua estava travada.

– Aceita?

Do lado de fora, em algum lugar perto dali, o mundo logo estaria acordando. Ele observara este mundo acordar, da janela daquele mesmo quarto, dia após dia, agitando-se para uma nova rodada de buscas infrutíferas e, ele soubera, soubera que não havia nada mais lá fora que o excitasse. Nenhum calor, só suor. Sem paixão, só luxúria passageira e, então, a indiferença. Ele havia dado as costas para tal insatisfação. Se, para fazer isto, tivesse que interpretar os sinais que estas criaturas lhe trouxeram, então aquele era o preço da ambição. Ele estava pronto a pagar.

– Mostre-me. – ele disse.

– Não terá como voltar atrás. Compreende?

– Mostre-me.

Eles não precisaram de maiores convites para erguer a cortina. Ele ouviu a porta ranger ao ser aberta e, se virou para ver que o mundo além do umbral havia desaparecido. Voltou a olhar para os Cenobitas, procurando alguma explicação. Mas eles haviam desaparecido. No entanto, sua passagem não deixou de ser registrada. Eles levaram as flores, deixando apenas os assoalhos nus, e na parede, as oferendas que Frank juntara estavam empretecendo, como se sob o calor de uma chama forte, porém invisível. Ele sentia o cheiro amargo da destruição; atingia suas narinas de forma tão aguda que tinha certeza que começariam a sangrar.

Mas o cheiro de coisa queimada era só o começo. Assim que o notou, mais de uma dúzia de novos cheiros inundaram sua cabeça. Perfumes que ele mal percebera até aquele momento, estavam súbita e dominantemente fortes: o remanescente aroma das flores surrupiadas; o aroma da tinta no teto e da seiva na madeira abaixo de seus pés encheram sua mente. Ele podia até sentir o cheiro da escuridão do outro lado da porta, e nele, o esterco de centenas de milhares de pássaros.

Ele cobriu a boca e nariz com a mão, tentando diminuir a investida e impedi-la de sobrecarregá-lo, mas o fedor da transpiração em seus dedos o deixou tonto. Ele vomitaria se não houvesse sensações frescas inundando seu sistema, vindas de cada terminação nervosa e papila gustativa.

Ele parecia poder, de repente, sentir a colisão dos grãos de poeira em sua pele. A cada inspiração irritava seus lábios; cada piscada, seus olhos. A bÍlis queimava no fundo de sua garganta, e um fiapo da carne ingerida no dia anterior, que havia se alojado entre seus dentes, enviou espasmos pelo seu sistema ao exsudar uma gotícula de molho sobre sua língua.

Seus ouvidos não estavam menos sensíveis. Sua cabeça estava cheia de centenas de ruídos, alguns dos quais, ele mesmo era responsável. O ar que atingia seus tímpanos era um furacão; os gases em seus intestinos, era trovão. Mas havia outros inúmeros sons que o assaltavam de algum lugar às suas costas. Vozes se erguiam em ira, declarações sussurradas de amor, rugidos e murmúrios, trechos de músicas, lágrimas.

Seria o mundo que ele estava ouvindo – a manhã nascendo em centenas de lares? Não havia tempo para ouvir atentamente; a cacofonia tirava todo o poder de análise de sua cabeça.

Mas havia algo pior. Os olhos! Oh Deus do Céu, ele jamais supunha que poderia existir tamanho tormento; ele, cujo pensamento era não haver nada na terra que o impressionasse. Agora ele cambaleava! Em todos os lugares, visões!

O gesso simples do teto era uma impressionante geografia de pinceladas. O tecido de sua camiseta lisa, uma inconcebível elaboração de tramas. No canto da parede, viu um ácaro se mover sobre uma das cabeças de pombo, e piscar os olhos para ele, percebendo que o vira. Era demais! Era demais!

Consternado, fechou os olhos. Mas havia mais dentro do que fora; lembranças cuja violência o abalou a ponto da insensibilidade. Ele sugando o leite de sua mãe e engasgando; sentindo os braços do irmão ao seu redor (seria uma luta, ou um abraço fraternal? De qualquer forma, era sufocante). E mais; tanto mais. Uma curta vida de sensações, tudo entrelaçado perfeitamente em seu córtex, e alquebrando-o com a insistência de que fossem lembradas.

Sentiu-se a ponto de explodir. Certamente o mundo fora de sua cabeça – e os pássaros atrás da porta – apesar de seus gritantes excessos, não podiam ser tão esmagadores quanto as memórias. Seria melhor, ele pensou e tentou abrir seus olhos. Mas eles não desgrudaram. Lágrimas ou pus ou agulha e linha mantinham-nos cerrados.

Ele pensou nos rostos dos Cenobitas: os ganchos, as correntes. Teriam feito alguma cirurgia semelhante nele, trancafiando-o por trás de seus olhos com aquele desfile de sua história?

Temendo por sua sanidade, começou a falar com eles, embora não soubesse se estavam ainda ao alcance de sua voz.

– Por que? – perguntou. – Por que estão fazendo isto comigo?

O eco de suas palavras retumbou em seus ouvidos, mas ele mal percebeu. Mais impressões sensoriais se erguiam de seu passado para atormentá-lo. A infância ainda remanescia em sua língua (leite e frustração) mas agora havia sentimentos adultos misturados. Ele tinha crescido! Tinha um bigode e sentia-se poderoso, mãos grandes, corpo desenvolvido.

Prazeres juvenis possuíam o apelo da novidade, mas conforme os anos se arrastavam e sensações brandas perdiam sua potência, sentia-se atraído por experiências cada vez mais forte. E aqui estavam elas de novo, mais pungentes por estarem expostas na escuridão que havia no fundo de sua mente.

Ele sentia gostos indescritíveis na língua: amargor, doçura, azedume, sal; temperos aromáticos, merda e o cheiro dos cabelos de sua mãe; viu cidades e céus; viu velocidade, viu profundezas; partiu o pão com homens agora mortos e foi escaldado pelo calor da saliva deles em suas bochechas.

E é claro, havia mulheres.

Sempre, entre o turbilhão e confusão, lembranças de mulheres apareciam, assaltando-o com seus aromas, suas texturas, seus gostos.

A proximidade deste harém o excitou, apesar das circunstâncias. Ele abriu as calças e acariciou seu membro, mais na ânsia de

derramar sua semente para se libertar destas criaturas do que pelo prazer da carícia.

Estava vagamente consciente, ao manusear sua extensão, que devia fazer uma imagem de dar pena: um homem cego em uma sala vazia, excitado por um sonho. Mas o orgasmo, infeliz e destruidor, falhou de sequer diminuir a velocidade da inexorável exibição. Seus joelhos se dobraram, e seu corpo tombou no assoalho onde sua porra se derramara. Houve um espasmo de dor quando caiu no chão, mas a resposta foi varrida por outra onda de lembranças.

Ele rolou de costas e gritou; gritou e implorou por um fim para aquilo, mas as sensações apenas aumentaram ainda mais, alçadas a novas alturas a cada oração que ele entoava, implorando que cessassem.

As súplicas se tornaram um só som, palavras e sentidos eclipsados pelo pânico. Parecia não haver outro fim para aquilo, só a loucura. Sem esperanças além de perder-se à esperança.

Enquanto formulava este último pensamento desesperador, o tormento cessou.

De repente, inteiramente. Acabou. Visões, sons, toques, gostos, cheiros. Ele foi abruptamente desprovido de todos eles. Foram segundos durante os quais duvidou da própria existência. Duas batidas de coração, três, quatro.

Na quinta batida, abriu os olhos. O quarto estava vazio, as cabeças de pombas e o pote de mijo desapareceram. A porta estava fechada.

Cautelosamente, se sentou. Seus membros formigavam; sua cabeça, pulsos e bexiga doíam.

E então, um movimento do outro lado do quarto chamou sua atenção.

Onde, dois segundos antes, houvera um espaço vazio, estava agora uma figura. Era o quarto Cenobita, o que não falara, nem mostrara o rosto. Agora via que não era um "ele", mas "ela". O capuz que ela vestira antes, fora descartado, assim como o manto. A mulher sob eles era cinzenta, e cintilava. Estava sentada sobre uma pilha apodrecida de cabeças humanas e sorria em saudação.

O choque entre sensualidade e morte o estarreceu. Teria ele qualquer dúvida quanto a ter sido ela própria a abater aquelas vítimas? A podridão estava sob suas unhas e as línguas – vinte ou mais – jaziam expostas sobre as coxas besuntadas em óleo, como se quisessem entrar. Ele também não duvidava que os cérebros, que agora escorriam dos ouvidos e narinas, tivessem sido levados à insanidade antes de um sopro ou um beijo ter parado seus corações.

Kircher mentira para ele – isso, ou ele fora horivelmente enganado. Não havia prazer no ar; ou pelo menos não prazer como a humanidade o concebia.

Fora um erro abrir a caixa de Lemarchand. Um erro terrível.

– Oh, então você acabou de sonhar, – disse a Cenobita, fitando-o caído e arfante no chão – Bom.

Ela ficou em pé. As línguas caíram ao chão, como uma chuva de lesmas.

– Agora podemos começar. – ela disse.

DOIS

1

– Não é bem o que eu esperava, – Julia comentou, quando entraram no hall. Era crepúsculo; um dia gelado em Agosto. Não era a hora ideal para visitar uma casa que estava vazia há tanto tempo.

– Precisa de reparos. – Rory disse. – Só isto. Ninguém mexeu nela desde a morte de minha avó. Faz uns três anos. E tenho quase certeza de que ela mesma não mexia muito na casa no fim de sua vida.

– E é sua?

– Minha e de Frank. Foi deixada em testamento para nós dois. Mas quando foi a última vez que meu irmão mais velho foi visto?

Ela deu de ombros, como se não conseguisse se lembrar, embora lembrasse muito bem. Uma semana antes do casamento.

– Alguém comentou que ele passou uns dias aqui no verão passado. Se escondendo, sem dúvidas. Então, desapareceu de novo. Ele não tem interesse nenhum nesta propriedade.

– Mas suponho que, se nos mudarmos para cá e ele voltar, ele vai querer o que é dele?

– Eu vou comprar a parte dele. Pego um empréstimo no banco e compro a parte dele. Ele está sempre precisando de dinheiro.

Ela anuiu, mas não pareceu convencida.

– Não se preocupe, – ele disse, indo até ela para abraçá-la. – O lugar é nosso, boneca. Podemos pintá-la, decorá-la e fazer dela nosso paraíso.

Ele observou atentamente seu o rosto. Às vezes – particularmente quando tomada por dúvidas, como agora – sua beleza chegava quase a assustá-lo.

– Acredite em mim. – ele disse.

– Eu acredito.

– Tudo certo então. Que tal começarmos a mudança no domingo?

2

Domingo.

Ainda era o Dia do Senhor nestes lados da cidade. Mesmo se os proprietários destas casas bem decoradas e seus belos filhos não fossem mais crentes, ainda respeitavam o *sabbath*. Algumas poucas cortinas se afastaram quando a van da Lewton encostou e começaram a descarregar os móveis; alguns vizinhos curiosos chegaram até a passar em frente da casa uma ou duas vezes, sob pretexto de levar os cachorros para passear; mas ninguém conversou com os recém-chegados, muito menos ofereceu ajuda com a mudança. Domingo não era um dia para esforços físicos.

Julia supervisionava o desempacotamento, enquanto Rory organizava o descarregamento da van, com Lewton e Mad Bob provendo músculos extras. Levou quatro viagens para trazer o grosso das coisas da Estrada Alexandra, e no final do dia ainda ficou uma boa quantidade de cacarecos para trás, para ser trazida em uma ocasião futura.

Cerca de duas da tarde, Kirsty apareceu na varanda da frente.

– Vim para ver se precisam de ajuda – ela disse, com um vago tom de desculpas na voz.

– Bem, é melhor você entrar. – Julia disse.

Ela entrou pela porta da frente, para o que era um campo de batalha no qual somente o caos estava vencendo e, silenciosamente, amaldiçoou Rory. Convidar a alma perdida para oferecer seus serviços era bem coisa dele, sem dúvidas. Ela seria mais um estorvo que uma ajuda; seus modos sonhadores, perpetuamente derrotados tiravam Julia do sério.

– O que posso fazer? – Kirsty perguntou. – Rory disse...

– Sim, – disse Julia – claro que ele disse.

– Onde ele está? Digo, o Rory.

– Está carregando a van, para aumentar ainda mais nossa miséria.

– Oh.

Julia suavizou sua expressão.

– Sabe, é muita gentileza sua, – ela disse, – aparecer assim, mas acho que não há muito o que fazer agora.

Kirsty enrubesceu levemente. Ela era sonhadora, mas não estúpida.

– Entendo, – ela disse. – Tem certeza? Não quer... digo, talvez eu possa fazer um café para você?

– Café, – disse Julia. Só ao pensar em café a fez perceber o quão seca estava sua garganta. – Sim, – ela concordou. – Não é uma má ideia.

Ela não fez o café sem contratempos. Nenhuma tarefa que Kirsty se propunha a fazer era inteiramente simples. Ela ficou na cozinha, fervendo a água em uma panela que levou quinze minutos para encontrar, pensando que, talvez, não devesse ter vindo. Julia sempre olhava para ela de forma tão estranha, como se levemente perplexa por ela não ter sido sufocada após o nascimento. Deixa para lá. Rory tinha pedido para ela vir, não tinha? E aquilo era

convite suficiente. Ela não abria mão de um sorriso dele por centenas de Julias.

A van chegou vinte e cinco minutos depois, minutos nos quais as mulheres tentaram por duas vezes (e falharam por duas vezes) engatar uma conversa. Tinham pouca coisa em comum. Julia, a doce, a bela, a que recebia todos os olhares e beijos, e Kirsty, a garota do aperto de mão frouxo, cujos olhos só ficavam tão brilhantes quantos os de Julia, depois de muito chorar. Ela tinha, há muito tempo, aprendido que a vida era injusta. Mas por que, mesmo ela aceitando a amarga realidade, as circunstâncias insistiam em se esfregar na sua cara?

Ela disfarçadamente observou Julia trabalhar e, pareceu a Kirsty, que aquela mulher era incapaz de fealdade. Cada gesto – um simples afastar mechas de cabelo que caíssem nos olhos, espanar poeira de uma caneca favorita – tudo era repleto de graciosidade natural. Ao ver aquilo, ela entendia a dedicação canina de Rory, e ao compreendê-la, o desespero se renovava.

Ele entrou, por fim, de olhos apertados e suado. O sol da tarde estava forte. Ele sorriu para ela, exibindo a irregular linha de seus dentes frontais, que de início ela achara tão irresistível.

– Que bom que conseguiu vir, - ele disse.

– Fico feliz em ajudar – ela respondeu, mas ele já tinha desviado os olhos para Julia.

– Como vão as coisas?

– Estou enlouquecendo, – ela disse.

– Bem, agora você tem onde descansar – ele disse. – Trouxemos a cama nesta viagem. – ele lhe deu uma piscadela conspiratória, mas ela não correspondeu.

– Posso ajudar a descarregar? – Kirsty ofereceu.

- Lewton e M. B. já estão descarregando. – Rory respondeu.
- Oh.
- Mas eu venderia minha alma por uma xícara de chá.
- Nós ainda não encontramos o chá. – Julia lhe disse.
- Oh. Talvez um café, então?
- Certo, – disse Kirsty. – Para os outros dois também?
- Tenho certeza que eles morreriam por um pouco de café.

Kirsty voltou para a cozinha, encheu uma panelinha com água e voltou a colocá-la no fogo. Do saguão, ela ouvia Rory supervisionando o descarregamento seguinte.

Era a cama, a cama de casal. Embora tentasse arduamente manter os pensamentos longe da imagem dele abraçando Julia, não conseguiu. Enquanto observava a água esquentar e finalmente ferver, as mesmas imagens dolorosas do prazer deles lhe voltavam a mente.

3

Quando o trio se foi, para a quarta e última viagem do dia, Julia perdeu a paciência com o desempacotamento. Era um desastre, ela disse: tudo tinha sido empacotado e colocado nas caixas na ordem errada. Ela estava tendo de desenterrar itens perfeitamente inúteis para acessar as necessidades urgentes.

Kirsty manteve-se em silêncio, na cozinha, lavando as xícaras sujas.

Praguejando em voz alta, Julia largou o caos e saiu para fumar um cigarro na varanda da frente. Encostou-se à porta aberta e inspirou o ar repleto de pólen. Embora ainda fosse vinte e um de Agosto, a

tarde já estava tingida de um aroma enevoado que anunciava o outono.

Ela perdera noção da rapidez com a qual o dia se acabara e, enquanto permanecia ali, um sino começou a badalar para as Vésperas: a corrida dos carrilhões se elevando e caindo, em ondas preguiçosas. O som era confortador. Fê-la pensar em sua infância, embora não – pelo que se lembrava – de nenhum dia ou lugar em particular. Simplesmente de ser jovem, do mistério.

Já fazia quatro anos desde que pisara em uma igreja pela última vez: de fato, no dia de seu casamento com Rory. A lembrança daquele dia – ou melhor, a promessa que fracassara em cumprir – estragou o momento. Ela saiu da frente da casa - as badaladas soando alto - e voltou a entrar na casa. Após o toque do sol em seu rosto voltado para o céu, o interior pareceu sombrio. Subitamente, se sentiu tão cansada, que quase chorou.

Eles teriam de montar a cama antes de poderem se deitar para dormir esta noite e teriam ainda de decidir qual quarto usariam como quarto principal. Ela decidiu fazer isto agora, para evitar ter de voltar à sala da frente e para a sempre melancólica Kirsty.

O sino ainda tocava ao abrir a porta do quarto da frente, no segundo andar. Era o maior dos três do andar superior – uma escolha natural – mas o sol não tinha entrado ali hoje (ou em qualquer outro dia daquele verão) porque as venezianas da janela estavam fechadas. O quarto, conseqüentemente, estava mais frio que qualquer outro da casa e o ar, estagnado. Ela cruzou o assoalho manchado até a janela, na intenção de abrir as venezianas.

No peitoril, uma coisa estranha. A veneziana havia sido fortemente pregada à moldura da janela, efetivamente impedindo qualquer intrusão vinda da rua iluminada pelo sol lá fora. Tentou liberar o material, mas não conseguiu. O responsável por aquilo, quem quer que fosse, fizera um trabalho cuidadoso.

Não importava; ela pediria a Rory para usar um martelo para retirar os pregos, quando voltasse. Virou as costas para a janela, e ao fazê-lo, súbita e forçosamente se tornou consciente de que o sino ainda convocava os crentes. Eles não viriam naquela noite? Será que o anzol não continha iscas suficientes de promessas do paraíso? O pensamento só estava meio vivo; murchou em momentos. Mas o sino continuou a badalar, reverberando ao redor do quarto. Seus membros, já doendo de fadiga, pareciam ainda mais pesados a cada dobre. A cabeça latejava de forma intolerável.

O quarto era odioso, pensou, estava mofado e suas tenebrosas paredes, úmidas. Apesar do tamanho, não deixaria Rory persuadi-la a usá-lo como quarto principal. Por ela, ele que apodrecesse.

Andou em direção à porta, mas à alguns metros dela, os cantos do quarto pareceram ranger e a porta bateu. Seus nervos congelaram. Mal conseguiu conter um grito.

Passado o susto, simplesmente exclamou "Para o inferno" e girou a maçaneta. Virou facilmente (porque não viraria? Ainda assim, ela sentiu-se aliviada) e a porta se abriu. Do saguão abaixo, vinha um jato de calor e luz ocre.

Fechou a porta atrás de si e, com uma esquisita satisfação que não conseguia - ou não queria - medir, girou a chave na fechadura.

Naquele momento, o sino silenciou.

4

– Mas é o maior dos quartos...

– Eu não gosto dele, Rory. É úmido. Podemos usar o quarto dos fundos.

– Se maldita cama passar pela porta.

– É claro que passa. Você sabe que sim.

– Parece-me desperdício de um bom quarto, – ele protestou, já sabendo que era fato consumado.

– A mamãe sabe das coisas, – ela lhe disse e sorriu com aqueles olhos, cuja luxúria estava longe de maternal.

TRÊS

1

As estações anseiam umas pelas outras - como homens e mulheres - para se curarem de seus excessos.

A Primavera, caso se arrastasse mais de uma semana além de seu limite, começava a ansiar pelo Verão, para acabar com aqueles dias de promessas perpétuas. O Verão por sua vez, logo começava a suar por algo para extinguir o seu calor e até o mais suave dos Outonos se cansaria da gentileza, por fim, e se doeria por um golpe afiado de gelo que matasse sua fecundidade.

Mesmo o Inverno – a estação mais resistente, a mais implacável – sonha, enquanto Fevereiro passa, com a chama que, por fim, o derreterá. Tudo se cansa com o tempo, e começa a procurar pelo seu oposto, para salvá-lo de si próprio.

Então Agosto deu lugar a Setembro e houve poucas reclamações.

2

Com um pouco de trabalho, a casa na Rua Lodovico começou a parecer mais hospitaleira. Houve até visita de vizinhos, que – após avaliarem o casal – falavam do quão bom era ter o número cinquenta e cinco novamente ocupado. Somente um deles mencionou Frank, referindose, de passagem, ao cara estranho que morou na casa algumas semanas do verão anterior. Houve um momento embaraçoso quando Rory revelou que o inquilino era seu irmão, mas logo foi dispersado por Julia, cujo charme não tinha limites.

Rory raramente mencionou Frank durante os anos de seu casamento com Julia - embora ele e o irmão só tivessem dezoito meses de diferença, e, quando crianças, fossem inseparáveis. - Isto

Julia soube em uma ocasião de sentimentalismo bêbado (um mês ou dois antes do casamento) quando Rory falou bastante sobre Frank. Foi um papo melancólico. Os caminhos dos irmãos se separaram consideravelmente no final da adolescência, e Rory se ressentia disto. Ressentia ainda mais a dor que o estilo de vida selvagem de Frank causara em seus pais. Aparentemente, quando Frank aparecia - uma vez na vida outra na morte de qualquer canto do mundo em que ele estivesse escondido no momento, só trazia dor. Suas histórias de aventuras nos limites da criminalidade, seus papos sobre putas e pequenos furtos, tudo consternava seus pais. Mas era pior, pelo que Rory disse. Em seus momentos mais selvagens, Frank falava sobre uma vida vivida em delírio, de um apetite por experiências que não conhecia imperativos morais.

Seria o tom na história de Rory, a mistura de repulsa com inveja, que aguçara a curiosidade de Julia? Qualquer que fosse a razão, ela fora rapidamente fígada por uma curiosidade insaciável a respeito daquele homem louco.

Então, duas semanas antes do casamento, a ovelha negra apareceu em carne e osso. As coisas andavam boas ele, ultimamente. Usava anéis de ouro nos dedos, e sua pele estava saudável e bronzeada. Havia poucos sinais do monstro que Rory havia descrito. Mano Frank era tão suave quanto uma pedra preciosa bem polida. Ela sucumbira ao seu charme em questão de horas.

Uma época estranha se seguiu. Enquanto os dias se arrastavam para a data do casamento, ela viu-se pensando menos e menos no futuro marido, e mais e mais no irmão dele. Eles não eram totalmente diferentes; uma certa cadência em suas vozes e seus modos tranquilos os evidenciavam como parentes. Mas às qualidades de Rory, Frank trazia algo que o irmão jamais teria: um lindo desespero.

Talvez os acontecimentos seguintes fossem mesmo inevitáveis; e não importasse o quão arduamente ela combatesse seus instintos, só teria adiado a consumação de seus sentimentos. Pelo menos foi

assim que, mais tarde, tentou se justificar para si própria. Mas, findada toda a auto recriminação, ela ainda estimava a lembrança do primeiro – e último – encontro dos dois.

Kirsty estava na casa, não estava? Cuidando de algum preparativo da cerimônia, quando Frank chegou. Pela telepatia que acompanha o desejo (e se desvanece com ele) Julia soube que aquele seria o dia. Ela deixou Kirsty com sua lista de afazeres, e levou Frank para cima, sob o pretexto de lhe mostrar o vestido de noiva. Era assim que ela se lembrava – que ele havia pedido para ver o vestido – e que ela havia colocado o véu, rindo ao pensar em si mesma vestida de branco, e então ele estava tocando seus ombros, erguendo o véu, e ela riu mais e mais e mais, como que para testar a força de sua determinação. No entanto, ele não se desencorajou ante seu riso; nem perdeu tempo com as sutilezas da sedução. A tranquilidade exterior deu lugar à brutalidade quase que imediatamente. A cópula foi, sob qualquer ponto de vista e apesar de seu consentimento, totalmente agressiva e sem entusiasmo, como um estupro.

A lembrança havia suavizado os eventos, é claro, e nos quatro anos (e cinco meses) que se seguiram desde aquela tarde, ela rememorou a cena com frequência. Agora, em sua lembrança, os hematomas eram troféus de sua paixão, suas lágrimas, prova definitiva de seus sentimentos por ele.

No dia seguinte, ele desaparecera. Fugira para Bangkok ou Ilha de Páscoa, ou algum lugar onde não tinha débitos a serem cobrados. Ela chorou sua ausência, não pôde evitar. E seu choro não passara despercebido. Embora jamais tenham discutido abertamente, ela frequentemente se perguntava se a subsequente deterioração de seu relacionamento com Rory não tinha começado exatamente ali: com ela pensando em Frank enquanto fazia amor com o irmão dele.

E agora? Agora, apesar da mudança de casa e da chance de um novo recomeço juntos, parecia que os eventos conspiravam para lembrá-la novamente de Frank.

Não fora só a fofoca dos vizinhos que o trouxera à sua mente. Certo dia, enquanto sozinha na casa, desempacotando vários pertences pessoais, encontrara vários álbuns de fotos de Rory. Muitas eram relativamente recentes: fotografias dos dois juntos em Atenas e na Ilha de Malta. Mas enterradas entre os sorrisos transparentes havia algumas fotos que ela não se lembrava de já ter visto (será que Rory mantivera-as escondidas dela?); retratos de família que remontavam décadas. Uma fotografia de seus pais no dia do casamento, a imagem em preto e branco, erodida através dos anos para uma série de cinzas. Fotografias de natais, nas quais padrinhos orgulhosos embalavam bebês sufocados em laços familiares.

E então, fotografias dos irmãos juntos; quando garotos, de olhos arregalados; como estudantes rudes, enfiados em roupas de ginástica e uniformes escolares. Então, quando a timidez da adolescência cheia de acne dominou, o número de fotos diminuiu até os sapos emergirem, tais quais príncipes, do outro lado da puberdade.

Ver Frank em cores brilhantes, fazendo caretas para a câmera, fêla enrubescer. Ele fora um jovem exibicionista, previsivelmente, sempre vestido na última moda. Rory, em comparação, parecia deselegante. Parecia a ela que, as vidas futuras dos irmãos, já vinham esboçadas nestes retratos antigos. Frank o sorridente, camaleão sedutor; Rory, o cidadão sólido.

Ela finalmente guardara as fotos e achara que, ao ficar de pé, que o rubor trouxera lágrimas. Não de arrependimento. Teria sido inútil. Era fúria que fazia seus olhos arderem. De alguma forma, entre uma respiração e outra, ela se perdera.

Sabia também, com certeza absoluta, quando esta perdição se iniciara. Então, ela estava deitada em uma cama de casal, coberta de rendas, enquanto Frank enchia seu pescoço de beijos.

De vez em quando ela subia para o quarto das venezianas pregadas.

Até agora, eles haviam feito pouco progresso na decoração no andar superior, priorizando organizar as áreas comuns da casa. O quarto, desta forma, permanecera intocado. Esquecido, de fato, exceto por aquelas poucas visitas dela.

Ela não tinha certeza do motivo de continuar indo lá em cima, nem do quanto isto se devia à variedade ímpar de sentimentos que a assolava enquanto lá estava. Mas havia algo na escuridão do interior que a confortava; era uma espécie de útero, o útero de uma mulher morta. Às vezes, quando Rory estava no trabalho, ela simplesmente subia as escadas e se sentava na quietude, pensando em nada; ou ao menos nada que pudesse descrever.

Estas visitas a deixavam estranhamente culpada e ela tentava se manter longe do quarto quando Rory estava por perto. Mas nem sempre era possível. Às vezes, seus pés a levavam para lá, mesmo contra sua vontade.

Foi o que aconteceu naquele sábado, o dia do sangue.

Ela observava Rory trabalhar na porta da cozinha, lixando várias camadas de tinta da área em volta das dobradiças, quando pareceu ouvir o quarto chamar. Satisfeita de que ele estivesse envolvido em suas tarefas, ela subiu.

Estava mais frio do que de costume e ficou feliz por isto. Colocou a mão na parede e então levou a palma gelada até a testa.

"Não adianta," murmurou para si mesma, pensando no homem que trabalhava lá embaixo. Ela não o amava; não mais do que ele a amava, por baixo da paixão por sua aparência. Ele lixava em um mundo só dele; ela sofria aqui, infinitamente distante dele.

Um sopro de vento atingiu a porta dos fundos. Ela ouviu a batida.

No andar de baixo, o som tirou a concentração de Rory. A espátula saiu do prumo e cortou profundamente o polegar de sua mão esquerda. Ele gritou ao primeiro jorro de dor. A espátula caiu no chão.

– Puta que pariu!

Ela ouviu, mas não fez nada. Tarde demais, recobrou-se do estupor de melancolia ao perceber que ele subia as escadas. Remexendo em busca da chave, e por uma desculpa que justificasse sua presença no quarto, ela se levantou, mas ele já estava na porta, cruzando o umbral, correndo em sua direção com a mão direita enlaçando ineptamente a esquerda. Sagrava em abundância. Ele se empoçava entre seus dedos e escorria por baixo do braço, pingando pelo cotovelo, adicionando manchas às manchas já existentes no assoalho nu.

– O que aconteceu? – ela perguntou.

– O que você acha? – ele disse por entre dentes cerrados. – Eu me cortei.

O rosto e pescoço dele estavam da cor de massa de vidraceiro. Ela já o vira daquele jeito antes; quando desmaiara uma vez, ao ver o próprio sangue.

– Faça alguma coisa, – ele disse, nauseado.

– O corte é fundo?

– Eu não sei! – ele gritou com ela. – Não quero olhar.

Ele era ridículo, ela pensou, mas não era hora de verbalizar a frustração que sentia. Ao invés disto, pegou a mão ensanguentada entre as suas, enquanto ele olhava para o outro lado, afastando a palma do corte. Era de tamanho considerável e ainda sangrava profusamente. Sangue profundo, sangue escuro.

- Acho que é melhor irmos ao hospital. – ela disse.
- Pode cobrir? – ele pediu, com a voz desprovida de raiva.
- Claro. Vou pegar uma atadura. Venha...
- Não, – ele disse, balançando a cabeça cinzenta. – Se eu der um passo, acho que vou desmaiar.
- Então fique aqui, – ela o acalmou. – Vai ficar tudo bem.

Não encontrando, no armário do banheiro, ataduras suficientes para estancar o sangue, ela pegou alguns lenços limpos na gaveta dele e voltou para o quarto. Agora ele estava encostado na parede, e a pele brilhava de suor. Ele pisara no sangue que derramara; ela podia sentir o gosto, o cheiro dele no ar.

Ainda reafirmando silenciosamente que ele não morreria de um cortezinho de quatro centímetros, ela enrolou um lenço em volta da mão, cobriu-o com um segundo lenço, então o levou, tremendo como uma folha, escada abaixo (degrau por degrau, como uma criança) e na direção do carro.

No hospital, eles esperaram uma hora em uma grande fila de feridos, até ele finalmente ser examinado e costurado. Para ela, era difícil saber em retrospecto o que era mais cômico naquele episódio: a fraqueza dele ou a extravagância de sua gratidão posterior. Ela lhe disse, quando ficou exageradamente servil, que não queria seus agradecimentos e era verdade.

Ela não queria nada do que ele pudesse lhe oferecer, exceto talvez, sua ausência.

4

– Você limpou o chão no quarto mofado? – ela lhe perguntou no dia seguinte. Eles o chamavam de quarto mofado desde aquele

primeiro domingo, embora não houvesse nenhum sinal de bolor do teto ao chão.

Rory ergueu os olhos da revista que lia. Havia manchas cinzentas sob seus olhos. Ele não dormira bem, ou assim dissera. Um dedo cortado, e ele tinha pesadelos mortais. Ela, por sua vez, dormira como um bebê.

– O que disse? – ele perguntou.

– O chão. – ela disse de novo. – Havia sangue no chão. Você o limpou.

Ele negou com a cabeça. – Não, – disse simplesmente e voltou a se concentrar na revista.

– Bom, eu também não limpei, – ela disse.

Ele lhe deu um sorriso indulgente.

– Você é uma dona de casa perfeita, – ele disse. – Faz a limpeza sem nem perceber.

Deixaram aquele assunto para lá. Ele ficava aparentemente satisfeito, em acreditar que ela estava silenciosamente perdendo a sanidade.

Ela, por sua vez, teve a estranha sensação de estar justamente a ponto de recobrá-la.

QUATRO

1

Kirsty odiava festas. Os sorrisos fingidos para disfarçar o pânico, os olhares a serem interpretados e, pior, a conversa. Ela não tinha nada interessante a dizer para o mundo, isto já sabia há um longo tempo. Ela vira olhares demais se desviando, para que pudesse acreditar no contrário. Vira cada recurso conhecido pelos homens para se obter algo da companhia dos maçantes, mediante persuasão ardilosa, de "Com licença, acho que acabei de ver meu contador," ao desmaiar bêbado aos seus pés.

Mas Rory insistira que ela viesse à inauguração da casa. Só alguns amigos próximos, ele prometera. Ela respondera sim, sabendo bem demais que cenário adviria da recusa. Deprimida em casa, cheia de autorecriminação, amaldiçoando sua covardia, pensando no doce rosto de Rory.

A reunião não foi um tormento muito grande, no final das contas. Havia somente nove convidados no total, os quais ela vagamente conhecia, o que tornava tudo mais fácil. Ninguém esperava que ela iluminasse a sala, mas que somente acenasse e risse quando fosse apropriado. E Rory – com a mão ainda enfaixada – estava em sua melhor forma, cheio de inocente cordialidade. Ela até mesmo se perguntou se Neville – um dos colegas de trabalho de Rory – não estava paquerando-a por trás dos óculos, uma suspeita que foi confirmada no meio da noite quando ele se sentou ao seu lado e perguntou se ela tinha interesse por criação de gatos. Ela lhe disse que não, mas que estava sempre interessada em novas experiências. Ele pareceu deliciado e, sob este frágil pretexto, manteve-se servindo uma bebida atrás da outra a ela, pelo resto da noite. Por volta das onze e meia, ela era uma bagunça tonta, mas feliz, tendo ataques de risos cada vez mais dolorosos ao comentário mais casual.

Um pouquinho depois da meia-noite, Julia declarou estar cansada e que iria para a cama. A declaração foi aceita como uma deixa para os convidados se dispersarem, mas Rory não aceitou. Ele se levantou e começou a encher copos antes que qualquer um tivesse a chance de protestar. Kirsty achou ter captado uma expressão de desagrado cruzando o rosto de Julia, então passou, e a sobancelha voltou ao lugar de novo. Ela se despediu, foi profusamente cumprimentada por suas habilidades culinárias e foi para a cama.

Os irretocavelmente belos eram irretocavelmente felizes, não eram? Para Kirsty isto sempre havia sido verdade absoluta. No entanto, naquela noite, o álcool a fez imaginar se a inveja não a deixara cega. Talvez ser irretocável fosse outro tipo de tristeza.

Mas sua cabeça zonzona não se apegou a estas rumações, no próximo minuto Rory estava em pé e contando uma piada sobre um gorila e um jesuíta que quase a fez engasgar com a bebida antes mesmo que ele chegasse às velas votivas.

Lá em cima, Julia ouviu uma nova explosão de risos. Ela estava mesmo cansada, como dissera, mas não de cozinhar. Fora o esforço de esconder seu aborrecimento dos pobres tolos reunidos na sala abaixo. Antigamente ela os chamara de amigos, estes débeis mentais, com suas piadas pobres e pretensões ainda mais pobres. Ela aguentara-os por várias horas; era suficiente. Agora precisava de algum lugar frio, um pouco de escuridão.

Assim que abriu a porta do quarto mofado ela sabia que coisas não estavam exatamente como antes. A luz da lâmpada sem lustre no patamar iluminava o chão onde o sangue de Rory caíra, agora tão limpo que parecia ter sido lavado. Além do alcance da luz, o quarto jazia na escuridão. Ela entrou e fechou a porta. A fechadura se encaixou às suas costas.

A escuridão estava quase perfeita, e ela gostou. Seus olhos descansaram na noite, suas superfícies esfriaram.

Então, do outro lado do quarto, ouviu um barulho.

Não mais alto que o ruído de uma barata correndo por trás dos rodapés. Após segundos, parou. Ela prendeu a respiração. Ele voltou. Desta vez pareceu haver algum padrão no som; um código primitivo.

Eles riam como lunáticos no andar de baixo. O barulho despertou-lhe desespero. O que ela não faria, para se livrar de tal companhia?

Ela engoliu em seco e falou para a escuridão:

– Eu te ouvi, – ela disse, sem certeza do motivo das palavras saírem, ou a quem eram dirigidas.

Os arranhões de barata cessaram por um momento e então recomeçaram, com mais urgência. Ela se afastou da porta e se moveu na direção do barulho. Ele continuou, como se a chamasse.

Era fácil calcular errado no escuro e ela esticou a mão para a parede antes do que esperava. Erguendo as mãos, começou a correr as palmas sobre o gesso pintado. A superfície não estava uniformemente fria. Havia um local, ela julgava que era a meio caminho entre a porta e a janela, onde o frio se tornou tão intenso que teve de quebrar o contato. A barata parou de arranhar.

Houve um momento, quando ela rodopiou, totalmente desorientada, na escuridão e silêncio. E então, algo se moveu a sua frente. Um truque dos olhos de sua mente, ela achava, porque ali só havia uma luz imaginária. Mas a próxima cena lhe mostrou o erro daquela impressão.

A parede estava acesa, ou melhor, algo por trás dela queimava com uma fria luminescência, que fazia o tijolo sólido parecer coisa insubstancial. Mais, a parede parecia estar se separando, seus segmentos se afastando e se deslocando como um truque de mágica, painéis lubrificados cedendo a caixas escondidas nas laterais para revelar algum local ainda mais escondido. Ela observou fixamente, sem se atrever nem mesmo a piscar, temendo perder

algum detalhe desta extraordinária prestidigitação, enquanto peças do mundo se separavam a frente de seus olhos.

Então, subitamente, em algum lugar deste mais elaborado sistema de fragmentos deslizantes, ela viu (ou novamente, pareceu ver) movimento. Só que agora ela percebeu que vinha prendendo a respiração desde que aquilo começara, e estava começando a ficar com a cabeça zozna. Ela tentou esvaziar os pulmões do ar estagnado e tomou um longo fôlego, mas seu corpo não obedeceu a esta instrução simples.

Em algum lugar em sua proximidade uma pontada de pânico se iniciou. O encantamento acabara, deixando uma parte dela admirando desapaixonadamente a música tilintante que vinha da parede, a outra parte lutando contra o medo que se levantava em sua garganta pouco a pouco.

Novamente, tentou respirar fundo, mas era como se seu corpo estivesse morto e ela o olhasse de fora, incapaz de respirar, piscar ou engolir.

A cena da parede se deslocando tinha agora completamente parado, e ela viu algo tremular através do tijolo, áspero mas substancial demais para ser uma sombra.

Era humano, ela viu, ou já havia sido. Mas o corpo fora despedaçado e costurado de novo, com a maioria de suas partes faltando, retorcidas, e escurecidas como se por uma fornalha. Havia um olho, reluzindo para ela e a coluna de uma espinha, com vértebras desprovidas de músculos, alguns poucos fragmentos irreconhecíveis de anatomia. Era só. Que tal coisa pudesse estar viva desafiava a razão – o pouco de carne que restava estava desesperadamente corrompido. Ainda assim, estava vivo. Seu olho, a despeito da podridão no qual se enraizara, observou-a inteiramente, de cima abaixo.

Ela não sentiu medo em sua presença. Esta coisa era, de longe, mais fraca do que ela. Aquilo se moveu um pouco em sua cela,

buscando por alguma pequena espécie de conforto. Mas não havia nenhum conforto para ser obtido, não para uma criatura que ostentava nervos desfiados no braço ensanguentado. Cada lugar que pedaço daquele corpo estava em dor: disto ela sabia indiscutivelmente. Ela sentiu pena. E com a pena, veio libertação. Seu corpo expeliu ar morto e inalou ar vivo. Seu cérebro carente de oxigênio se aliviou.

Neste momento, um buraco abriu-se na bola esfolada da cabeça do monstro e emitiu uma única e imponderável palavra. A palavra era: "Julia."

2

Kirsty pousou o copo e tentou se levantar.

– Aonde você vai? – Neville perguntou.

– Aonde você acha? – ela retrucou, conscientemente tentando evitar que as palavras se embolassem.

– Precisa de ajuda? – Rory perguntou. O álcool deixara as pálpebras dele pesadas, e seu sorriso ainda mais preguiçoso.

– Eu sou domesticada – ela respondeu, e sua resposta foi recebida com muitas risadas. Ela gostou. Provocações irônicas e bem-humoradas não eram o seu forte. Ela cambaleou até a porta.

– É a ultima porta à direita no final do patamar. – Rory informou-a.

– Eu sei – ela disse, e saiu para o hall.

Geralmente não gostava da sensação de estar bêbada, mas aquela noite, estava gostando.

Sentia-se relaxada e de coração leve. Poderia até arrepender-se disto no dia seguinte, mas depois cuidaria disto. Por esta noite, ela estava voando.

Caminhou até o banheiro e aliviou a bexiga dolorida, então jogou um pouco de água no rosto. Feito isto, começou a voltar.

Devia ter dado três passos no patamar quando percebeu que alguém havia apagado a luz a escada enquanto ela estava no banheiro, e aquela mesma pessoa estava agora parada à alguns metros de distância. Ela parou.

– Olá? – ela disse. Será que o criador de gatos a seguira lá para cima, na esperança de mostrar que não era castrado?

– É você? – ela perguntou, só levemente consciente de ser uma pergunta idiota.

Não houve resposta, e ela ficou um pouco inquieta.

– Vamos lá, – ela disse, tentando um tom jocoso que ela esperava mascarar sua ansiedade, – quem está aí?

– Eu, – disse Julia. Sua voz estava estranha. Rouca, talvez até chorosa.

– Você está bem? – Kirsty perguntou. Desejou conseguir ver o rosto de Julia.

– Sim, – foi a resposta. – porque não estaria? – Com aquelas quatro palavras a atriz dentro de Julia se recompôs. A voz clareou, o tom se iluminou.

– Só estou cansada... – continuou – Vocês parecem estar se divertindo lá embaixo.

– Estamos fazendo muito barulho?

– Meu Deus, não. – a voz riu, – só levantei para ir ao banheiro. – uma pausa, então: – Volte lá para baixo, divirta-se.

Diante disto, Kirsty foi avançando na direção dela, no patamar. No último momento possível, Julia desviou dela, evitando até o mais

leve contato físico.

– Durma bem, – Kirsty disse, no topo da escada.

Mas nenhuma resposta veio da sombra.

3

Julia não dormiu bem. Não naquela noite, nem em nenhuma outra que se seguiu.

O que vira no quarto mofado, o que ouvira e, finalmente, sentira – fora suficiente para manter o sono leve e fácil afastado para sempre, ou assim começou a acreditar.

Ele estava aqui. O Irmão Frank estava aqui, na casa – e estivera ali o tempo todo. Trancado longe do mundo no qual ela vivia e respirava, mas perto o bastante para fazer aquele contato frágil, digno de pena. Os porquês e os para ques disto, não fazia ideia; o farrapo humano na parede não tivera nem forças, nem tempo para articular sua condição.

Tudo o que dissera, antes da parede começar a fechar de novo e, suas ruínas serem novamente eclipsadas por tijolos e gesso, fora "Julia", então, simplesmente: "É Frank" – e no finzinho – "sangue".

Então desapareceu totalmente e as pernas dela enfraqueceram. Ela meio que caíra, meio cambaleara, de costas até a parede do outro lado. Quando conseguiu se acalmar um pouco, não havia mais luz misteriosa, nem figura destroçada aninhada nos tijolos. O mundo era real novamente.

Mas talvez, nem tanto. Frank ainda estava ali, no quarto mofado. Daquilo ela tinha certeza. Ele podia estar fora das vistas, mas não fora da mente. Estava de alguma forma preso entre a esfera que ela ocupava e algum outro lugar: um lugar de sinos e perturbada escuridão. Ele estava morto? Era isto? Perecera no quarto vazio, no verão passado e agora esperava um exorcismo? Neste caso, o que

acontecera aos restos mortais? Somente mais contato com o próprio Frank, ou com o que restara dele, poderia trazer estas respostas.

O modo pelo qual ela poderia ajudar aquela alma perdida a se fortalecer não era difícil de adivinhar. Ele havia lhe dado claramente a solução.

– Sangue – ele dissera. A palavra fora dita não em acusação, mas de modo imperativo.

Rory sangrara no chão do quarto mofado; os jatos subsequentemente desapareceram. De alguma forma, o fantasma de Frank – se é isto o que ele era – se alimentara dos fluidos derramados pelo irmão, e se nutrira o suficiente para se projetar para fora de sua cela, e fazer aquele contato vacilante. O que aconteceria se o suprimento fosse maior?

Ela pensou nos abraços de Frank, em sua rudeza, na urgência que ele fizera recair sobre ela. O que não daria para sentir tal urgência de novo? Talvez fosse possível. E se fosse – se ela pudesse lhe dar o sustento que ele precisava – ele não ficaria grato? Não seria como um bichinho de estimação, dócil ou bruto ao seu menor capricho? O pensamento afastou o sono. Levou a sanidade e o pesar com ele. Ela estivera apaixonada aquele tempo todo, percebeu, e sentira sua falta. Se o que ele precisava era sangue para se restabelecer, então ela lhe daria sangue, e não pensaria duas vezes nas consequências.

Nos dias que se seguiram, ela reencontrou seu sorriso. Rory encarou sua mudança de humor como um sinal de que estava feliz na casa nova. Seu bom humor o contagiou. Ele retomou a reforma com novo ímpeto.

Logo, ele disse, teriam de atacar o segundo andar. Eles teriam de localizar a fonte de umidade no quarto maior, e transformá-lo em um quarto digno de sua princesa. Ela beijou-lhe o rosto quando ele falou disto, dizendo que não havia pressa, que o quarto que estavam

utilizando era mais do que adequado. Falar sobre quartos o fez começar a acariciar o pescoço dela, puxando-a mais para perto, e a sussurrar obscenidades infantis em seu ouvido. Ela não o recusou, mas subiu meigamente para o andar superior, e deixou-o despi-la do jeito que ele gostava, desabotoando suas calças brancas com dedos sujos de tinta. Ela fingiu que a cerimônia a excitava, embora isto estivesse longe de ser verdade.

A única coisa que acendeu o mínimo apetite nela, ao se deitar na cama rangente com a ereção dele entre suas pernas, foi fechar seus olhos e imaginar Frank, como era antes.

Mais do que uma vez o nome dele veio até seus lábios; cada uma dessas vezes ela sufocou-o. Finalmente ela abriu os olhos para lembrar a si mesma a monótona verdade. Rory enchia seu rosto de beijos. Suas bochechas formigavam sob seu toque.

Ela não conseguiria aguentar isto com muita frequência, percebeu. Era esforço demais bancar a esposa condescendente: seu coração explodiria.

Assim, deitada sob ele enquanto o sopro de Setembro tocava seu rosto, vindo da janela aberta, ela começou a planejar como obter sangue.

CINCO

Às vezes parecia que se passaram eras enquanto ele permanecia preso à parede, eras que mais tarde se revelariam terem sido apenas horas, ou mesmo minutos.

Mas agora as coisas haviam mudado; ele tinha a chance de escapar. Seu espírito se elevava com este pensamento. Era uma chance frágil, ele não podia se enganar sobre aquilo. Havia várias razões para que seus melhores esforços pudessem falhar. Julia, era uma. Ele se lembrava dela como uma mulher banal e bem-arrumada, cuja criação limitara sua capacidade de paixão. Ele havia despertado o lado selvagem dela, é claro, uma vez. Ele se lembrava do dia, dentre as centenas de vezes que se envolvera no ato, com alguma satisfação. Ela resistira somente o suficiente para sua vaidade, então sucumbira com tal fervor desenfreado, que ele quase perdera o controle.

Em outras circunstâncias ele poderia tê-la roubado por sob o nariz do futuro marido, mas as políticas fraternais pregavam que não se fizesse isto. Em uma semana ou duas ele teria se cansado dela, e teria deixado não só uma mulher cujo corpo já lhe era uma coisa desagradável, mas também um irmão vingativo no seu pé. Não valia a pena tanta confusão.

Além disto, havia novos mundos a conquistar. Ele partira no dia seguinte para o Oriente: para Hong Kong e Sri Lanka, rumo à riqueza e aventura. Que ele também obtivera. Pelo menos por um tempo. Mas tudo escorria por entre seus dedos mais cedo ou mais tarde, e com o tempo ele começou a se perguntar se havia sido as circunstâncias que lhe negaram um bom domínio sobre seus rendimentos, ou se ele só não se importava o suficiente para manter o que ganhava. Esta corrente de pensamento, uma vez iniciada, evoluiu. Em todos os lugares, nas ruínas ao seu redor, ele encontrava evidências para apoiar a mesma amarga teoria: que ele nunca havia encontrado nada em sua vida – nenhuma pessoa,

nenhum estado de mente ou corpo – que desejasse tanto a ponto de sofrer ou mesmo passar por desconforto para manter.

Uma espiral descendente começou. Ele passara três meses em um estado de depressão e autocomiseração que beirava o suicídio. Mas mesmo aquela solução lhe fora negada pelo seu niilismo recém descoberto. Se não existia nada pelo que se valesse a pena viver, então também não existia nada pelo que se valesse a pena morrer. Ele cambaleava de uma esterilidade para a outra, até que todos os pensamentos fossem consumidos por quaisquer opiáceos que suas imoralidades conseguiam arranjar.

Quando ouvira a respeito da caixa de Lemarchand pela primeira vez? Não conseguia se lembrar. Em um bar, talvez, ou na sarjeta, dos lábios de um companheiro abandonado. Àquela época era mero rumor – este sonho sobre um reino de prazeres, onde aqueles que se cansaram dos deleites triviais da condição humana podiam descobrir uma nova definição de satisfação. E o caminho para este paraíso? Havia vários, ele soube, gráficos da interface entre o real e o ainda mais real, feitos por viajantes cujos ossos há um longo tempo se tornaram pó. Um destes gráficos jazia nos porões do Vaticano, escondido em código em um trabalho teológico que não era lido desde a Reforma. Outro – na forma de um exercício de origami, que segundo registros, pertenceu ao Marquês de Sade, que usou-o - quando aprisionado na Bastilha - para barganhar com um guarda os papéis para escrever "Os 120 Dias de Sodoma". Ainda um outro havia sido confeccionado por um artesão – um fabricante de pássaros cantores – chamado Lemarchand, na forma de uma caixinha de música de design tão elaborado que um homem poderia passar metade da vida tentando decifrá-la sem jamais conseguir abri-la.

Histórias. Histórias. No entanto, desde que passara a não acreditar em absolutamente nada, não era tão difícil tirar de sua mente a tirania da verdade verificável. E passara o tempo, embriagadamente refletindo sobre tais fantasias.

Foi em Düsseldorf, onde começara a traficar heroína, que novamente reencontrou a história de Lemarchand. Sua curiosidade foi novamente despertada, mas desta vez, ele seguiu a história até encontrar sua fonte. O nome do homem era Kircher, embora ele provavelmente a creditasse a mais de meia dúzia de outros. Sim, o alemão confirmava a existência da caixa e sim, ele podia dar um jeito para consegui-la para Frank. O preço? Pequenos favores, aqui e ali. Nada excepcional. Frank prestou os favores, lavou suas mãos e exigiu o pagamento.

Kircher deu algumas instruções, quanto à melhor forma de abrir o dispositivo de Lemarchand, instruções que eram parte pragmáticas, parte metafísicas. Resolver o enigma é viajar, dissera, ou algo assim. A caixa, aparentemente, não era só o mapa da estrada, mas a própria estrada.

Este novo vício rapidamente curou-o das drogas e bebida. Talvez houvesse outros meios de dobrar o mundo até que ficasse no formato de seus sonhos.

Ele voltou para a casa na Rua Lodovico, a casa vazia em cujas paredes estava agora aprisionado, e preparou-se – do jeito que Kircher detalhara – para o desafio de resolver a Configuração de Lemarchand. Jamais em sua vida fora tão abastémio, tão determinado. Nos dias anteriores a abertura da caixa, levava uma vida que teria envergonhado um santo, focando todas as suas energias nas cerimônias a sua frente.

Via agora que fora arrogante ao negociar com a ordem do Gash; mas em todos os lugares havia forças – no mundo e fora dele – que encorajavam tal arrogância, porque tais forças negociavam com a arrogância. Aquilo, por si só, não o teria desagradado. Não, seu verdadeiro erro havia sido a crença ingênua de que sua definição de prazer significativamente se sobrepunha àquela dos Cenobitas.

Assim, eles trouxeram sofrimento incalculável. Proporcionaram uma overdose de sensualidade, até sua mente resvalar na loucura, então eles o iniciaram em experiências que seus nervos ainda se

revolviam em repulsa ao lembrar. Chamava aquilo de prazer e, talvez, tivessem razão. Talvez não. Era impossível saber em se tratando de suas mentes; eles eram tão desesperadora e impecavelmente ambíguos. Não reconheciam princípios de recompensa e punição através do qual ele pudesse esperar ganhar uma pausa de suas torturas, nem se comoviam com qualquer apelo por misericórdia. Ele tentara, ao longo das semanas e meses entre a abertura da caixa até hoje.

Não havia compaixão deste lado da Cisão; só havia choro e risos. Às vezes, lágrimas de alegria (por uma hora sem terror, o espaço de tempo de uma respiração), risadas vindo mesmo que paradoxalmente, ao encarar algum novo horror, desenvolvido pelo Engenheiro, para causar sofrimento,.

Havia uma sofisticação a mais na tortura, idealizada por uma mente que compreendia a natureza do sofrimento de forma requintada. Aos prisioneiros era permitido ver o mundo que certa vez habitaram. Seus locais de descanso – onde não estavam enfrentando o prazer – eram os mesmos locais onde desvendaram a Configuração que os trouxera ali. No caso de Frank, no quarto do andar de cima do número cinquenta e cinco da Rua Lodovico.

Pela maior parte do ano havia sido uma vista nada esclarecedora: ninguém jamais entrara na casa. E então, eles vieram: Rory e a adorável Julia. E a esperança recomeçara...

Havia maneiras de escapar, ele ouvira rumores; brechas no sistema que permitiam a uma mente determinada ou astuta o bastante, voltar para o quarto do qual viera. Se um prisioneiro conseguisse realizar tal fuga, não haveria maneira dos hierofantes conseguirem persegui-lo. Eles tinham de ser invocados através da Cisão. Sem tal invocação eles ficavam abandonados como cães no umbral da porta, arranhando e arranhando, mas incapazes de entrar. Portanto, a fuga, se bem-sucedida, trazia com ela um decreto absoluto, total dissolução do matrimônio equivocado que o prisioneiro fizera. Era um risco que valia a pena correr. De fato, não era risco algum. Que

punição poderia ser pior do que a perspectiva de dor sem esperança de libertação?

Ele tivera sorte. Alguns prisioneiros partiam do mundo sem deixar sinais suficientes de si próprios, a partir dos quais, em circunstâncias adequadas, seus corpos pudessem ser refeitos. Ele deixara. Seu último ato, além de gritar, havia sido esvaziar os testículos no chão. Esperma morto era uma parca lembrança de seu interior essencial, mas era suficiente. Quando o querido irmão Rory (o doce e desastrado Rory) tivera seu acidente com a espátula, havia algo de Frank para se aproveitar da dor. Ele encontrara um tênue apoio para si próprio, e um vislumbre de força com o qual poderia se arrastar até a segurança. Agora estava tudo por conta de Julia.

Às vezes, sofrendo na parede, ele achava que ela o abandonaria por causa do medo. Ou isto, ou que ela racionalizaria a visão que tivera, decidindo que era um sonho. Se isto acontecesse, ele estava perdido. Faltava-lhe a energia para repetir a aparição.

Mas havia sinas que lhe davam motivos de esperança. O fato de ela ter retornado ao quarto em duas ou três ocasiões, por exemplo, e simplesmente ficar parada no escuro, olhando para a parede. Ela até murmurou algumas poucas palavras na segunda visita, embora ele tenha captado pouco. A palavra "aqui" estava entre elas. E "esperando", e "logo". O bastante para mantê-lo longe do desespero total.

Ele tinha outro suporte ao seu otimismo. Ela estava perdida, não estava? Ele vira em seu rosto, quando – antes do dia em que Rory se cortara – ela e seu irmão estiveram no quarto juntos. Ele interpretara os olhares e as entrelinhas, os momentos em que a guarda dela baixava, quando apareciam a tristeza e frustração que ela sentia.

Sim, ela estava perdida. Casada com um homem por quem não sentia amor, e incapaz de ver um jeito de escapar.

Bem, lá estava ele. Eles podiam salvar um ao outro, do jeito que os poetas prometiam que os amantes deviam salvar. Ele era um mistério, ele era escuridão, ele era tudo o que ela sonhara. E se ela apenas o libertasse, ele a serviria – oh, sim – até seu prazer alcançar aquele patamar que, como todos os patamares, era um lugar onde a força se tornava mais forte e os fracos pereciam.

Lá, prazer era dor, e vice-versa. E ele o conhecia bem o suficiente para chamá-lo de lar.

SEIS

Ficou frio na terceira semana de Setembro: um frio ártico trouxe um vento voraz que desnudou as árvores das folhas em um punhado de dias.

O frio exigiu uma mudança de costume, e uma mudança de planos. Ao invés de caminhar, Julia pegou o carro. Dirigiu ao centro da cidade no início da tarde e achou um bar no qual as trocas comerciais da hora do almoço eram estimulantes, mas não gritantes.

Os clientes entravam e saíam: jovens executivos de escritórios de advocacia e contabilidade, debatendo suas ambições; grupos de bebedores de vinho, cujas únicas concessões à sobriedade eram seus ternos; e, mais interessante, um punhado de indivíduos que se sentavam sozinhos em suas mesas e simplesmente bebiam. Ela atraía um bom tanto de olhares de admiração, mas em sua maioria, dos jovens executivos. Não foi antes de estar lá, já há uma hora, e os escravos assalariados já terem voltado para suas senzalas, que ela notou alguém encarando seu reflexo no espelho do bar. Pelos dez minutos seguintes os olhos dele permaneceram grudados nela. Ela continuou a beber, tentando esconder qualquer sinal de agitação. E então, sem aviso, ele ficou em pé e se aproximou de sua mesa.

– Bebendo sozinha? – ele disse.

Ela quis correr. Seu coração batia tão furiosamente que ele certamente conseguiria ouvir. Mas não. Ele perguntou se queria mais uma bebida; ela disse que sim. Claramente satisfeito de não ter sido rejeitado, ele foi até o bar, pediu doses duplas e voltou para o lado dela. Ele tinha feições coradas, e era um tamanho mais largo do que seu terno azul escuro. Só seus olhos traíam qualquer sinal de nervosismo, pousando sobre ela somente por alguns momentos, então se desviando como um peixe assustado.

Não haveria conversa a sério: aquilo ela já havia decidido. Ela não queria saber muito a respeito dele. Seu nome, se necessário. Sua profissão e estado civil, caso ele insistisse. Além disto, que ele fosse apenas um corpo.

De qualquer forma, não precisava ter se preocupado. Ela já vira paralelepípedos mais comunicativos. Ele sorria ocasionalmente – um sorriso curto e nervoso que exibia dentes alinhados demais para serem reais – e oferecia mais bebidas. Ela recusou querendo que a perseguição acabasse tão rápido quanto possível, e ao invés disto perguntou se ele tinha tempo para um café. Ele disse que sim.

– Minha casa fica perto daqui – ela continuou e eles foram até o carro. Ela continuava se perguntando, enquanto dirigia – a carne no assento de passageiro ao seu lado – por que era tão fácil. Seria porque o homem era uma vítima tão simplória – com seus olhos ineficazes e dentes falsos – ele ao menos sabia, fazer esta jornada? Sim, talvez fosse isto. Ela não tinha medo, porque tudo parecia tão perfeitamente previsível...

Ao girar a chave na porta da frente e entrar em casa, ela pensou ter ouvido um barulho na cozinha. Será que Rory havia chegado em casa mais cedo do trabalho? Ela chamou-o em voz alta.

Não houve resposta; a casa estava vazia. Quase.

Da porta para dentro ela tinha tudo meticulosamente planejado. Ela fechou a porta. O homem de terno azul olhava para as próprias mãos manicuradas, e esperava pela sua deixa.

– Às vezes, me sinto solitária – ela disse ao passar por ele. Era uma fala que ela ensaiara na cama, na noite passada.

Ele só anuiu, como resposta, a expressão em seu rosto uma mistura de medo e incredulidade: ele claramente não estava acreditando em sua sorte.

– Você quer outra bebida? – ela perguntou a ele. – ou devemos ir direto lá para cima?

Ele anuiu de novo.

– Qual?

– Eu acho que talvez eu já tenha bebido o bastante.

– Então vamos subir.

Ele fez um movimento indeciso na direção dela, talvez na intenção de lhe dar um beijo. Mas ela não queria preliminares. Evitando seu toque, ela foi até o pé da escada.

– Eu mostro o caminho – ela disse. Meigamente, ele a seguiu.

No topo dos degraus ela olhou de volta para ele, e pegou-o secando o suor de seu queixo com um lenço. Ela esperou até ele alcançá-la e então guiou-o pelo patamar na direção do quarto mofado.

A porta estava escancarada.

– Venha, entre – ela disse.

Ele obedeceu. Uma vez lá dentro, levou alguns minutos para ele se acostumar à escuridão, e um pouco mais para verbalizar sua observação:

– Não tem cama.

Ela fechou a porta e acendeu a luz. Ela teve de pendurar uma das jaquetas velhas de Rory nas costas da porta. No bolso, havia uma faca.

Ele disse novamente:

– Não tem cama.

– O que tem de errado com o chão? – ela replicou.

– No chão?

– Tire seu paletó. Está suando.

– Estou, – ele concordou, mas não fez nada, então ela se aproximou dele e começou a desfazer o nó da gravata. Ele estava trêmulo, pobre cordeirinho. Pobre cordeirinho mudo. Enquanto ela tirava a gravata, ele começou a tirar o terno.

Será que Frank estava vendo aquilo? Ela se perguntou. Seus olhos se fixaram momentaneamente na parede. Sim, ela pensou; ele está aqui. Ele vê. Ele sabe. Ele lambe os lábios e está ficando impaciente.

O cordeiro falou:

– Por que você não... – ele começou – por que você não... talvez... faz o mesmo?

– Gostaria de me ver nua? – ela provocou. As palavras fizeram o olhos dele cintilarem.

– Sim, – ele disse roucamente. – Sim. Eu gostaria...

– Muito?

– Muito.

Ele estava desabotoando a camisa.

– Talvez você veja. – ela disse.

Ele lhe deu aquele sorriso de anão de novo.

– Isto é um jogo? – ele arriscou.

– Se quiser que seja, – ela disse e o ajudou a tirar a camisa. Seu corpo era pálido como cera, como um fungo. A parte de cima de seu peito era inchada, assim como a barriga. Ela colocou as mãos no rosto dele. Ele beijou a ponta de seus dedos.

– Você é linda, – ele disse, vomitando as palavras como se elas estivessem sufocando-o há horas.

– Sou mesmo?

– Você sabe que é. Adorável. A mulher mais adorável que eu já vi.

– Isto é muito gentil de se dizer, – ela disse, e virou-se para a porta. Atrás de si, ouviu a fivela do cinto dele estalar, e o som de tecido roçando a pele quando ele baixou as calças.

Este é o momento, ela pensou. Ela não tinha nenhuma vontade de vê-lo totalmente nu. Já era o bastante tê-lo assim...

Ela remexeu no bolso da jaqueta.

– Oh, Deus, – o cordeiro subitamente disse.

Ela soltou a faca.

– O que foi? – ela perguntou, virando-se para olhar para ele. Se o anel no dedo dele não tivesse já denunciado seu status, ela teria descoberto que ele era casado só de ver as cuecas que ele usava: folgadas e desbotadas, peças de roupas nada lisonjeiras, compradas por uma esposa que há muito deixara de pensar no marido em termos sexuais.

– Acho que preciso urinar. – ele disse. – Tomei muito uísque.

Ela deu de ombros ligeiramente, e virou-se para a porta.

– Só preciso de um momento, – ele voltou a dizer a ela. Mas as mãos dela estavam de volta ao bolso da jaqueta antes que as

palavras saíssem, e quando ele caminhou em direção à porta, ela virou-se para ele, a faca do abate na mão.

Os passos dele foram rápidos demais para ver a lâmina antes do último momento e, mesmo então, foi diversão que se expressou em seu rosto, não medo. Era um olhar pouco vivido. A faca estava nele um momento depois, fatiando sua barriga com a facilidade de uma faca quente na manteiga. Ela abriu um corte e depois outro.

Quando o sangue começou a correr, ela teve certeza de ter visto o quarto tremeluzir, os tijolos e cimento tremularam ao ver os jorros que voaram dele.

Ela teve o momento de uma respiração para admirar o fenômeno, não mais do que isto, antes do cordeiro soltar um palavrão assoviado e – ao invés de fugir do alcance da faca, como ela havia antecipado – deu um passo na direção dela e arrancou a arma de sua mão. A faca caiu no chão e colidiu com o rodapé. Então ele estava em cima dela.

Ele agarrou seus cabelos com força. Aparentemente, sua intenção não era de violência, mas de fuga, porque ele afrouxou o aperto tão logo se afastou da porta. Ela trombou com a parede, levantando os olhos para vê-lo brigar com a maçaneta da porta, a mão livre apertando os ferimentos.

Ela foi rápida então. Em direção ao local onde a faca caíra, levantou-se e de volta para ele em um movimento fluido. Ele conseguira abrir a porta alguns centímetros, mas não o suficiente para sair. Ela desceu com a faca no meio das costas dele. Ele berrou e soltou a maçaneta da porta. Ela já estava puxando a faca e atacando-o uma segunda vez e agora uma terceira e quarta. De fato, ela perdeu a conta dos ferimentos que fez, seu ataque, veneno emprestado pela recusa dele de cair no chão e morrer. Ele cambaleou pelo quarto, reclamando e lamentando, sangue juntando-se a sangue em sua bunda e pernas. Finalmente, após uma eternidade daquela coisa burlesca, ele ajoelhou e caiu no chão.

Desta vez ela teve certeza que seus sentidos não a decepcionaram. O quarto, ou o espírito dentro dele, respondeu com suspiros suaves de antecipação.

Em algum lugar, um sino badalava...

Quase sem prestar atenção, ela registrou que o cordeiro havia parado de respirar. Ela atravessou o chão coberto de sangue onde ele caíra, e disse:

– É suficiente?

Então foi lavar o rosto.

Ao cruzar o patamar, ela ouviu o quarto gemer – não havia outra palavra para descrever aquilo. Ela parou, quase tentada a voltar. Mas o sangue estava secando em suas mãos, e a sensação lhe era repulsiva.

No banheiro, ela tirou a blusa de estampa florida, e lavou primeiro as mãos, então seus braços salpicados e finalmente o pescoço. A água tanto a esfriou quanto a ajudou a recuperar o controle. A sensação era boa. Aquilo feito, lavou a faca, enxaguou a pia e voltou para o patamar, sem se importar em se secar ou se vestir.

Ela também nem precisava. O quarto estava como uma fornalha, enquanto as energias do homem morto pulsavam para fora de seu corpo. Eles não foram muito longe. O sangue no chão já estava recuando na direção da parede de Frank, as gotas parecendo ferver e evaporar ao chegarem perto dos rodapés. Ela observou, hipnotizada. Mas havia mais. Algo estava acontecendo ao corpo. Ele estava sendo drenado de cada elemento nutritivo, o corpo convulsionando enquanto seus interiores eram sugados, os gases borbulhavam nas entranhas e garganta, a pele dissecada na frente de seus olhos assustados. Em certo ponto a dentadura caiu para o esôfago, as gengivas murcharam para dentro.

E em poucos momentos, acabou. Tudo o que o corpo tinha de útil para oferecer em termos de nutrição havia sido tomado; a casca que restou não teria sustentado uma família de pulgas. Ela estava impressionada.

Subitamente, a lâmpada começou a piscar. Ela olhou para a parede, esperando que ela tremesse e cuspisse seu amante de suas entranhas. Mas não. A lâmpada se apagou. Só ficou a luz esmaecida que se infiltrava pelas persianas antigas.

– Onde está você? – ela disse.

As paredes continuaram mudas.

– Onde está você?

Ainda nada. O quarto estava esfriando. Seus seios começavam a se arrepiar. Ela verificou o relógio luminoso no braço atrofiado do cordeiro. Ele continuava a tiquetaquear, indiferente ao apocalipse que se abateria sobre seu dono. Ele mostrava 4:41. Rory estaria de volta a qualquer momento após 5:15, dependendo do trânsito. Ela tinha trabalho a fazer.

Amontoando o terno azul e o resto das roupas do homem, ela as jogou em vários sacos plásticos e então foi em direção ao grosso dos restos. Ela esperara que o Frank estivesse ali para ajudá-la com esta parte do trabalho, mas como ele não apareceu, ela não tinha escolha a não ser fazer tudo sozinha. Quando voltou ao quarto, a deterioração do cordeiro ainda continuava, apesar de agora estar bem devagar. Talvez Frank ainda estivesse procurando nutrientes ao espremer o corpo, mas ela duvidava. Mais provável que o corpo depauperado, sugado até a medula de cada fluido vital, não fosse mais forte o suficiente para sustentar a si próprio. Quando ela o dividiu nos sacos, pesava não mais do que uma criancinha. Fechando os sacos, ela estava quase descendo para levá-lo para o carro quando ouviu a porta da frente se abrir.

O som desencadeou todo o pânico que ela tão arduamente mantinha sob controle. Ela começou a tremer. Lágrimas formigaram em suas narinas.

– Agora não... – disse a si mesma, mas os sentimentos não seriam suprimidos por mais tempo.

No hall inferior, Rory disse:

– Querida?

Querida! Ela teria rido, mas de horror. Ela estava aqui, se ele queria encontrá-la – sua querida, seu docinho – com os seios recémlavados, e um cadáver nos braços.

– Cadê você?

Ela hesitou antes de responder, incerta se sua laringe exprimiria sua decepção.

Ele chamou uma terceira vez, sua voz mudando de timbre ao atravessar a cozinha. Só levaria um momento para ele descobrir que ela não estava ao fogão, cozinhando um ensopado; então ele voltaria e subiria as escadas. Ela tinha dez segundos, quinze no máximo.

Tentando manter seu passo o mais leve possível, de medo que ele ouvisse seus movimentos ali em cima, ela carregou o fardo ao quarto sobressalente no final do patamar. Pequeno demais para ser usado como quarto de dormir (exceto talvez para uma criança), eles o usavam como depósito. Baús e caixas meio vazios, peças de mobília para os quais ainda não haviam encontrado lugar, todo o tipo de tranqueira. Ela deixaria o corpo ali por enquanto, detrás de uma poltrona quebrada. Então trancou a porta atrás de si, bem na hora em que Rory chamou-a do pé da escada. Ele estava subindo.

– Julia? Julia, querida. Está aí?

Ela se enfiou no banheiro e olhou para o espelho. Ele refletiu um retrato enrubescido dela. Ela pegou a blusa que deixara pendurada ao lado da banheira e a vestiu. Ela cheirava mal, e havia indubitavelmente gotas de sangue por entre as flores estampadas, mas não havia nada mais a vestir.

Ele estava se aproximando do patamar; ela ouviu seus passos pesados.

– Julia?

Desta vez, ela respondeu – sem tentar disfarçar a qualidade trêmula de sua voz. O espelho havia confirmado o que ela temia: não havia jeito de que ela pudesse se passar por imperturbável. Ela seria obrigada a se aproveitar desta fraqueza.

– Você está bem? – ele perguntou. Estava do outro lado da porta.

– Não. – ela disse. – Me sinto doente.

– Oh, querida...

– Vou ficar bem em alguns minutos.

Ele tentou entrar, ela segurou a porta.

– Pode me deixar sozinha por uns minutinhos?

– Quer ir ao médico?

– Não, – ela disse a ele. – Não. Realmente. Mas eu não recusaria um conhaque...

– Conhaque...

– Desço num instante.

– Qualquer coisa que a madame queira. – ele gracejou. Ela contou seus passos enquanto ele marchava para as escadas, e então

começava a descer. Uma vez que imaginou que ele estava longe do alcance do barulho, ela desaferrolhou a porta e saiu para o corredor.

A luz do fim de tarde estava esmaecendo rapidamente; o corredor parecia um túnel sombrio.

Lá embaixo, ela ouviu o tilintar de taças de vidro. Ela se moveu o mais rápido que ousou até o quarto de Frank.

Não havia som no interior escuro. As paredes não tremiam mais, nem os sinos distantes badalavam. Ela abriu a porta; rangeu levemente.

Ela não havia terminado inteiramente seu trabalho. Havia sujeira no chão, sujeira humana e fragmentos de carne desidratada. Ela se acocorou e juntou-os diligentemente. Rory tinha razão. Que perfeita dona de casa ela era.

Ao se levantar de novo, algo se moveu por entre as crescentes sombras do quarto. Ela olhou na direção do movimento, mas antes que seus olhos pudessem identificar a forma no canto, uma voz disse:

– Não olhe para mim.

Era uma voz cansada – a voz de alguém totalmente consumido pelos eventos; mas era concreta. As sílabas eram carregadas do mesmo ar que ela respirava.

– Frank – ela disse.

– Sim... - veio a voz partida – sou... eu.

Lá de baixo, Rory chamou-a.

– Está melhor?

Ela foi até a porta.

– Bem melhor, – ela respondeu. Às suas costas, a coisa escondida disse: – não o deixe se aproximar de mim. – as palavras saindo rápidas e ferozes.

– Está tudo bem. – ela sussurrou para ele. Então, para Rory: – Já estou descendo. Coloque uma música. Algo calmo.

Rory respondeu que sim e foi para a sala de estar.

– Eu só estou parcialmente recuperado, – a voz de Frank disse. – Não quero que me veja... não quero que ninguém me veja... assim... – as palavras hesitavam de novo e soavam miseráveis. – Preciso de mais sangue, Julia.

– Mais?

– E logo.

– Quanto mais? – ela perguntou às sombras. Desta vez, captou um relance melhor do que a esperava. Não era de se espantar que ele não quisesse que ninguém o visse.

– Apenas mais, – ele disse. Embora o volume não passasse de um sussurro, havia uma urgência que a atemorizava na voz .

– Eu tenho de ir... - ela disse, ouvindo música lá embaixo.

Desta vez a escuridão não respondeu. À porta, ela se voltou.

– Estou feliz que esteja aqui. – ela disse. Ao fechar a porta, ela ouviu um som em parte riso, em parte soluço, às suas costas.

SETE

1

– Kirsty? É você?

– Sim? Quem fala?

– É Rory...

A linha estava com barulho de água, como se o dilúvio lá de fora tivesse se infiltrado na linha telefônica. Ainda assim, ficou feliz de ouvi-lo. Ele ligava tão raramente e quando o fazia, geralmente era em nome dele e de Julia. Mas não desta vez. Desta vez, Julia era o assunto em pauta.

– Há algo errado com ela, Kirsty. – ele disse. – Não consigo descobrir o que é.

– Está dizendo que ela está doente?

– Talvez. Ela está tão estranha comigo. E sua aparência está terrível.

– Você conversou com ela?

– Ela diz que está bem. Mas não está. Me pergunto se ela não teria te contado alguma coisa.

– Eu não a vejo desde a festa em sua casa.

– Outra coisa. Ela não quer nem mesmo sair de casa. Não parece cosia dela.

– Você quer que eu... converse com ela?

– Você faria isto?

– Eu não sei se vai adiantar, mas posso tentar.

– Não diga que fui eu que pedi.

– Claro que não. Eu passo por lá amanhã...

(*"Amanhã. Tem de ser amanhã."*

"Sim... eu sei."

"Estou com medo de perder minha forma, Julia. Voltar a desvanecer.")

– Eu te ligo do escritório na quinta-feira. E aí poderá me contar o que conseguiu descobrir com ela.

(*"– Desvanecer?"*

"A esta altura já sabem que escapei."

"Quem sabe?"

"O Gash. Os bastardos que me prenderam..."

"Eles estão esperando por você?"

"Bem aqui, além da parede.")

Rory lhe disse o quão agradecido ficava e, ela por sua vez lhe disse que era para isto que serviam os amigos. Então ele desligou, deixando-a a ouvir o som da chuva na linha desocupada.

Agora ambos eram criaturas de Julia, preocupados com seu bemestar, se preocupando por ela quando tinha pesadelos.

E daí? Até isto era um tipo de vínculo.

O homem da gravata branca não perdeu tempo. Assim que botou os olhos sobre Julia, se aproximou dela. Ela decidiu, enquanto ele se aproximava, que ele não serviria. Grande demais; confiante demais. Depois do jeito que o primeiro havia lutado, ela decidira escolher com cuidado.

Então, quando o Gravata Branca perguntou o que ela estava bebendo, ela lhe disse para deixá-la em paz.

Aparentemente, ele estava acostumado a rejeições, e aceitou numa boa, recuando para o bar. Ela voltou à sua bebida.

Chovia intensamente hoje – já chovia há setenta e duas horas, de forma intermitente – e havia menos clientes que na semana anterior. Um ou dois ratos ensopados entraram, vindos da rua; mas nenhum olhou para ela, além de alguns momentos. E o tempo corria. Já passava das duas. Ela não ia se arriscar a ser pega no retorno de Rory. Ela esvaziou o copo e decidiu que não era o dia de sorte de Frank. Então, saiu do bar para a chuarada, abriu a sombrinha, e foi para o carro. Ouviu passos atrás de si e então o Gravata Branca estava ao seu lado dizendo:

– Meu hotel fica aqui perto.

– Oh... – ela disse e continuou a andar. Mas ele não ia ser afastado tão facilmente.

– Estou na cidade por somente dois dias. – ele disse.

Não me tente, ela pensou.

– Só estou procurando companhia... – ele continuou. – Há dias não falo com ninguém.

– É mesmo?

Ele segurou o pulso dela. Um aperto tão forte que ela quase gritou. Foi quando ela soube que teria de matá-lo. Ele pareceu ver o desejo

nos olhos dela.

– Meu hotel? – ele disse.

– Eu não gosto muito de hotéis. São tão impessoais.

– Tem alguma ideia melhor? – ele perguntou.

É claro que ela tinha.

Ele pendurou o sobretudo ensopado no cabide do hall, e ela ofereceu uma bebida, que ele aceitou. Seu nome era Patrick, e ele era de Newcastle.

– Estou aqui a negócios. Mas não consegui fechar muitos.

– Por quê?

Ele deu de ombros.

– Acho que sou um vendedor ruim. Só isso.

– O que você vende? – ela lhe perguntou.

– O que lhe importa? – ele replicou, de forma cortante.

Ela sorriu. Teria de levá-lo para cima rápido, antes de começar a gostar de sua companhia.

– Porque não cortamos o papo furado? – ela disse. Era uma frase pobre, mas foi a primeira coisa que lhe veio à língua. Ele engoliu o resto de sua bebida em um só gole, e a seguiu.

Desta vez ela não deixara a porta escancarada. Estava trancada, o que o intrigou.

– Depois de você, – ele disse, quando a porta se abriu.

Ela entrou primeiro. Ele entrou em seguida. Desta vez, ela havia decidido, não daria tempo para tirar roupas. Se algum nutriente ficasse retido nas roupas ensopadas de sangue, que fosse; ela não ia lhe dar chance de perceber que não estavam sozinhos no quarto.

– Vamos trepar no chão? – ele perguntou casualmente.

– Algo contra?

– Não se você gostar. – ele disse e grudou sua boca na dela, a língua explorando os dentes dela, como se investigando cáries. Havia paixão nele, ela refletiu; ela já podia senti-lo se endurecendo contra seu corpo. Mas ela tinha trabalho a fazer ali: sangue a derramar e uma boca a alimentar.

Ela interrompeu o beijo e tentou escapar de seu abraço. A faca estava de novo na jaqueta pendurada na porta. Enquanto estivesse fora de seu alcance, ela tinha pouco poder de resistência.

– Qual o problema? – ele disse.

– Nenhum... – ela murmurou. – Também não há pressa. Temos todo o tempo do mundo. – ela tocou-o a frente das calças, para reafirmá-lo. Como um cão recebendo uma carícia, ele fechou os olhos.

– Você é estranha. – ele disse.

– Não abra os olhos. – ela pediu.

– Huh?

– Mantenha os olhos fechados.

Ele franziu o cenho, mas obedeceu. Ela deu um passo para trás, na direção da porta e remexeu nas profundezas do bolso, olhando para trás para ver se ele ainda estava de olhos fechados.

Ele estava, e baixando o zíper. Quando a mão dela tocou a faca, as sombras gemeram.

Ele ouviu o barulho. Seus olhos se abriram.

– O que foi isto? – ele disse, girando e esmiuçando a escuridão.

– Não foi nada. – ela insistiu, tirando a faca de seu esconderijo. Ele estava se afastando dela, indo para o outro lado do quarto.

– Há alguém...

– Não.

– ... aqui.

A última sílaba falseou em seus lábios, quando ele relanceou um movimento leve no canto ao lado da janela.

– O que... em nome... de... – ele começou. Quando ele apontou para a escuridão ela caiu sobre ele, fatiando seu pescoço com a eficiência de um açougueiro. O sangue jorrou imediatamente, um grande jato que atingiu a parede com um ruído úmido. Ela ouviu o prazer de Frank, e então o lamento do homem agonizante, longo e baixo. Ele levou a mão ao pescoço para conter o sangue, mas ela se abateu sobre ele de novo, cortando suas mãos suplicantes, seu rosto. Ele cambaleou, ele soluçou. Finalmente, caiu, se retorcendo.

Ela se afastou dele para evitar as pernas que se debatiam. No canto do quarto ela viu Frank balançando-se para frente e para trás.

– Boa garota... – ele disse.

Seria sua imaginação, ou a voz dele já estava mais forte do que antes, mais como a voz que ouvira em sua mente milhares de vezes naqueles anos roubados?

A campainha da porta soou.

– Oh, Jesus, – sua boca exalou.

– Está tudo bem... – a sombra respondeu. – Ele já está morto.

Ela olhou para o homem da gravata branca e viu que Frank estava certo. Ele havia parado de se contorcer.

– Ele é grande, – disse Frank. – É saudável.

Ele vinha em sua direção, faminto demais por nutrição para proibi-la de vê-lo; ela o viu claramente agora pela primeira vez. Ele era uma abominação. Não só em relação à humanidade, mas à vida. Ela desviou o olhar.

A campainha da porta estava tocando de novo, de forma mais insistente.

– Vá atender. – Frank lhe disse.

Ela não respondeu.

– Vá. – ele insistiu, meneando a cabeça suja em sua direção, seus olhos mordazes e brilhantes fixos na destruição que os cercava.

A campainha soou uma terceira vez.

– Seu visitante é muito insistente. – ele disse, tentando persuadi-la, já que a exigência não funcionara. – Eu realmente acho que você devia atender a porta.

Ela se afastou dele e ele voltou a atenção ao corpo no chão.

De novo, a campainha.

Talvez fosse mesmo melhor atender (ela já estava fora do quarto, tentando não ouvir os sons que Frank fazia), melhor agir normalmente. Seria um vendedor de seguros, provavelmente, ou uma Testemunha de Jeová, com notícias de salvação. Sim, ela poderia aguentá-los sem problemas. A campainha soou de novo.

– Já vou. – ela disse, apressando-se agora de receio que o visitante partisse. Ela trazia uma expressão amigável ao abrir a porta. Que imediatamente se desfez.

- Kirsty.
- Eu estava quase desistindo.
- Eu estava... Eu estava dormindo.
- Oh.

Kirsty olhou para a aparição que lhe abrira a porta. Pela descrição de Rory, ela esperara uma criatura devastada.

O que via era exatamente o contrário. O rosto de Julia estava afogueado: fios de cabelo ensopados de suor grudavam-se à testa e têmporas. Ela não parecia uma mulher que estava dormindo. Na cama, talvez, mas não dormindo.

- Estou só de passagem – Kirsty disse – para conversar.

Julia deu de ombros.

- Bom, agora não é um bom momento, – ela disse.

- Entendo.

- Talvez podemos nos falar mais para o final da semana?

O olhar de Kirsty se desviou de Julia para o casaco que estava no hall. Um casaco de gabardina masculino dependurava-se de um dos suportes, ainda úmido.

- Rory está? – ela arriscou.

- Não. – Julia disse. – É claro que não. Ele está no trabalho. – sua expressão endureceu. – Foi por isto que veio? Para ver Rory?

- Não, eu...

- Não precisa pedir minha permissão, sabe. Ele é um homem adulto. Vocês dois podem fazer a porra que quiserem.

Kirsty não ousou debater aquele tema. A reviravolta a deixou tonta.

– Vá embora, – Julia disse. – Não quero falar com você.

Ela bateu a porta.

Kirsty ficou parada em frente à porta fechada por um minuto, tremendo. Ela não tinha dúvidas do que estava acontecendo. O casaco úmido, a agitação e o rosto corado de Julia, sua raiva repentina. Ela estava com um amante na casa. Pobre Rory, tinha entendido tudo errado.

Ela desceu os degraus e rumou para a rua. Um amontoado de pensamentos brigavam por sua atenção. Finalmente, um deles se distinguiu do restante: Como contaria ao Rory? Seu coração se partiria, sem dúvidas. E ela, a infeliz mensageira, ela ficaria marcada por aquelas notícias ruins, não ficaria? Ela sentiu vontade de chorar.

Mas elas não vieram; outra sensação, mais insistente, sobrepujou tudo o mais enquanto ela se afastava.

Ela estava sendo observada. Podia sentir o olhar pesando à sua nuca. Seria Julia? De alguma forma, achou que não. O amante então. Sim, o amante!

Seguramente fora da sombra da casa, ela cedeu à urgência de se virar e olhar.

No quarto mofado, Frank espiava pelo buraco que fizera na veneziana. A visitante – cujo rosto ele vagamente reconheceu – olhava para cima, para a casa, para esta exata janela, de fato. Confiante de que ela não podia vê-lo, ele encarou-a de volta. Ele certamente já vira criaturas mais voluptuosas, mas algo em sua falta de glamour o atraíu. Tais mulheres eram, pelas suas experiências, geralmente companhias mais interessantes do que beldades como Julia. Elas se sentiam lisonjeadas então provocadas a agirem de forma que beldades jamais concordariam em agir, e ainda se

sentiam gratas pela atenção. Talvez ela voltasse, esta mulher. Ele esperava que sim.

Kirsty escaneou a fachada da casa, mas não viu nada; as janelas estavam, ou vazias ou com as cortinas fechadas. Ainda assim, a sensação de estar sendo vigiada persistia; de fato estava tão forte que ela virou as costas e se afastou, embaraçada.

A chuva recomeçou enquanto ela caminhava pela Rua Lodovico, e ela gostou. A chuva esfriava o rubor de suas faces, e acobertavam as lágrimas que ela não mais conseguia conter.

3

Julia voltara ao andar de cima tremendo, e encontrou o Gravata Branca perto da porta. Ou melhor, a cabeça dele. Desta vez, fosse por excesso de gana ou maldade, Frank havia desmembrado o corpo. Pedacos de ossos e carne desidratada jaziam espalhados pelo quarto.

Mas não havia sinais do responsável por aquilo.

Ela virou de novo na direção da porta, e lá estava ele, bloqueando seu caminho. Só se passaram minutos desde que o vira encurvado para drenar a energia daquele homem morto. Naquele breve espaço de tempo, ele havia mudado além de qualquer reconhecimento. Onde antes havia cartilagem seca, agora haviam sinais de algum amadurecimento muscular; o mapa de suas artérias e veias havia sido redesenhado: pulsavam com a vida roubada. Havia até mesmo uns tufos de cabelo, de certa forma prematuros, devido sua ausência de pele, na bola crua de sua cabeça.

Nada disso suavizara minimamente a aparência dele. De fato, de várias maneiras, só piorava. Anteriormente não houvera nada reconhecível nele, mas agora havia esboços de humanidade por todos os lados, evidenciando ainda mais a natureza catastrófica de seus ferimentos.

O pior ainda estava por vir. Ele falou, e quando falou, foi com uma voz que era inegavelmente de Frank.

– Estou sentido dor. – ele disse.

Seus olhos sem sobrancelhas, e com somente metade das pálpebras observavam cada reação sua. Ela tentou esconder a perturbação que sentia, mas soube que o disfarce era inadequado.

– Meus nervos voltaram a funcionar – ele lhe dizia – e está doendo.

– O que posso fazer? – ela perguntou.

– Talvez... talvez uns curativos.

– Curativos?

– Ajude-me a me juntar novamente.

– Se é o que quer.

– Mas preciso mais do que isto, Julia. Preciso de outro corpo.

– Outro? – ela disse. Isso nunca acabaria?

– O que tem a perder? – ele respondeu, movendo-se para perto dela. À sua súbita aproximação, ela ficou muito ansiosa. Lendo o medo em seu rosto, ele parou de avançar.

– Eu estarei recuperado logo... – ele prometeu – e quando estiver...

– É melhor eu me limpar – ela disse, evitando olhar para ele.

– Quando eu estiver, doce Julia...

– Rory vai voltar logo.

– Rory! – ele cuspiu o nome – Meu querido irmão! Como em nome de Deus você acabou se casando com tal bronco?

Ela sentiu um espasmo de fúria tomar conta de Frank.

– Eu o amava – ela disse. E então, após um momento de reflexão, corrigiu-se – Eu achei que o amava.

A risada dele só tornava sua aterradora nudez mais aparente.

– Como pode ter acreditado nisto? – ele disse – Ele é uma lesma. Sempre foi. Sempre será. Jamais teve senso de aventura.

– Ao contrário de você.

– Ao contrário de mim.

Ela baixou os olhos para o chão; a mão de um homem morto jazia entre eles. Por um instante quase foi engolfada pelo nojo de si mesma. Tudo o que fizera, e sonhara em fazer, nos últimos dias ergueu-se à sua frente: um desfile de seduções que acabaram em morte – tudo por esta morte que ela havia esperado tão fervorosamente que acabasse em sedução. Ela estava tão condenada quanto ele, pensou; nenhuma ambição mais suja podia se aninhar na cabeça dele, do que a que balbuciava e vibrava na dela.

Bem... estava feito.

– Cure-me. – ele sussurrou. A aspereza havia sumido de sua voz. Ele falou como um amante. – Cure-me... por favor.

– Sim... – ela disse. – Prometo que irei curá-lo.

– E então ficaremos juntos.

Ela franziu o cenho.

– E Rory?

– Somos irmãos de sangue – Frank disse. – Eu o farei compreender a lição disto tudo, o milagre disto tudo. Você não pertence a ele,

Julia. Não mais.

– Não – ela disse. Era verdade.

– Nós pertencemos um ao outro. Não é isto o que você quer?

– É o que eu quero.

– Sabe? Eu acho que se eu tivesse você, não teria me desesperado. – ele disse. – Não teria dado o meu corpo e alma por tão pouco.

– Pouco?

– Em troca de prazer. Por pura sensualidade. Em você... – aqui ele voltou a se aproximar dela de novo. Desta vez, as palavras a prenderam, ela não se afastou. – Em você eu poderia ter descoberto alguma razão para viver.

– Estou aqui. – ela disse. Sem pensar, ela estendeu a mão e tocou-o. O corpo era quente e úmido. Sua pulsação parecia estar em todos os lugares. Em cada tenra terminação nervosa, em cada tendão fluorescente. O contato a excitou. Era como se, até aquele momento, ela jamais tivesse acreditado que ele era real. Agora aquilo era incontestável. Ela havia feito este homem, ou refeito-o, usando sua coragem e sua determinação para lhe dar substância. A sensação que ela teve, ao tocar naquele corpo tão vulnerável, foi uma de posse.

– Este é o momento mais perigoso – ele lhe disse. – Até agora, eu conseguia me esconder. Eu não era praticamente nada. Mas não mais.

– Não. Eu pensei nisto.

– Devemos fazer isto rápido. Preciso estar forte e inteiro, custe o que custar. Concorda?

– Claro.

– Depois disto a espera terá fim, Julia.

A pulsação nele pareceu se acelerar com este pensamento.

Então, ele se ajoelhou à sua frente. Suas mãos não acabadas estavam nos seus quadris, então sua boca.

Amaldiçoando a sensação de desgosto, ela colocou a mão sobre a cabeça dele, e sentiu os fios ralos de cabelo, como os de um bebê – e a casca do crânio por baixo. Ela não havia sentido nenhuma delicadeza desde a última vez que ele a abraçara. Mas o desespero havia lhe ensinado a fina arte de extrair sangue das pedras; com o tempo, ela teria amor desta coisa odienta, custe o que custasse.

OITO

1

Havia trovões naquela noite. Uma tempestade sem chuva, que fez o ar cheirar a aço.

Kirsty jamais dormia bem. Mesmo quando criança, embora sua mãe entoasse canções de ninar suficientes para pacificar nações, a garota jamais caía facilmente no sono. Não eram pesadelos; ou pelo menos nenhum que durasse até o amanhecer. Era que o próprio ato de dormir – o ato de fechar os olhos de perder o controle de si própria até a inconsciência – era algo que ela temperamentalmente se recusava a fazer.

Esta noite, com o trovão tão alto e os relâmpagos tão brilhantes, ela estava feliz. Tinha uma desculpa para abandonar a cama desfeita, beber chá, e assistir ao espetáculo pela sua janela.

Aquilo lhe dava tempo para pensar em como solucionar o problema que a incomodava desde que saíra da casa da Rua Lodovico. Mas ela não estava nem perto de uma resposta.

Uma dúvida em particular persistia. Suponha que ela estivesse errada sobre o que viu? Suponha que ela interpretara mal a evidência, e Julia tivesse uma explicação perfeitamente boa? Ela perderia Rory na hora.

E ainda assim, como poderia ficar calada? Ela não aguentava pensar que a mulher estivesse rindo pelas costas dele, explorando sua gentileza, sua ingenuidade. O pensamento fazia seu sangue ferver.

A única outra opção seria esperar e observar, para ver se poderia juntar alguma evidência incontestável. Se suas piores suposições

fossem confirmadas, não teria escolha senão contar a Rory tudo o que vira.

Sim. Aquela era a resposta. Aguardar e observar, observar e aguardar.

As trovoadas duraram longas horas, negando-lhe o sono até quase quatro da madrugada. Quando, finalmente ela adormeceu, foi o sono de alguém que observava e aguardava. Leve, e cheio de visões.

2

A tempestade fez da casa um trem fantasma. Julia sentou-se no andar térreo, e contou as batidas entre o clarão e a fúria que vinha nos seus calcanhares. Ela jamais gostara de trovões. Ela, uma assassina; ela, a consorte de um morto-vivo. Era outro paradoxo a adicionar aos milhares que ela encontrara dentro de si ultimamente. Ela pensou mais uma vez em subir, e buscar algum conforto na criatura, mas aquilo seria estúpido. Rory retornaria a qualquer momento da festa do escritório. Ele estaria bêbado, baseada em experiências anteriores, e cheio de amor (nada bem-vindo) para dar.

A tempestade se aproximava. Ela ligou a televisão, para iluminar a escuridão, o que funcionou pouco.

Às onze, Rory chegou, todo sorridente. Trazia boas novas. No meio da festa, seu supervisor o chamara de canto, elogiara-o pelo seu excelente trabalho, e falou de grandes planos para o futuro. Julia escutava-o contar esta conversa, esperando que seu estado embriagado o impedisse de reparar sua indiferença. Por fim, boas novas contadas, ele tirou a jaqueta e se sentou no sofá, perto dela.

– Pobrezinha, – ele disse. – Você não gosta de trovões.

– Estou bem. – ela disse.

– Tem certeza?

– Sim. Bem.

Ele se inclinou para ela, e acariciou com o nariz sua orelha.

– Você está suado, – ela disse, com voz neutra. Mas ele não parou com as investidas, não querendo largar o osso agora que o mordera.

– Por favor, Rory – ela disse – Eu não quero.

– Por que não? O que eu fiz?

– Nada. – ela disse, fingindo interesse na televisão. – Não é nada com você.

– Oh, verdade? – ele disse – Não é nada comigo, não é nada com você, não é nada com a porra de ninguém!

Ela olhava para a tela que tremeluzia. O noticiário noturno acabara de começar, a fonte habitual de sofrimento cheia até a borda. Rory continuou a falar, afogando a voz do âncora com sua lamúria. Ela não se importou muito. O que o mundo tinha a lhe dizer? Muito pouco. Já ela, ela tinha notícias para o mundo, notícias que ele não iria querer ouvir. Sobre a condição dos condenados; sobre o amor perdido, e então reencontrado; sobre o que o desespero e o desejo tinham em comum.

– Por favor, Julia – Rory dizia – Fale comigo.

As súplicas exigiram sua atenção. Ele parecia, ela pensou, o garoto nas fotografias, seu corpo hirsuto e inchado, as roupas de um adulto – mas ainda, em essência, um garoto, com os olhos espantados e boca amuada. Ela lembrou-se da pergunta de Frank "Como você pôde se casar com tal bronco?" Pensando nisto, um sorriso amargo se formou em seus lábios. Ele olhava para ela, com crescente confusão.

– Qual a graça, maldição?

– Nada.

Ele balançou a cabeça, raiva embotada substituindo o amuo. Um golpe de trovão seguiu o relâmpago quase que sem intervalo. Neste momento, houve um ruído no andar superior. Ela voltou a olhar para a televisão, para distrair o interesse de Rory. Mas a tentativa falhou; ele ouvira o som.

– Que porra foi esta?

– Trovão.

Ele ficou em pé.

– Não. – ele disse. – Foi outra coisa. – ele já estava na porta.

Uma dúzia de opções passou pela mente dela, nenhuma delas possível. Ele brigou tropeçadamente com a maçaneta da porta.

– Acho que deixei uma janela aberta – ela disse e se levantou. – eu vou ver.

– Deixa que eu vejo – ele retrucou – não sou completamente inútil.

– Ninguém disse... – ela começou, mas ele não estava ouvindo. Quando cruzou o hall o relâmpago seguiu-se ao trovão: alto e brilhante. Quando ela foi atrás dele, outro clarão seguiu-se ao primeiro, acompanhado por um som rascante de revirar as entranhas. Rory já estava na metade da escada.

– Não foi nada! – ela gritou para ele. Ele não respondeu mas subiu até o topo das escadas. Ela o seguiu.

– Não... – ela disse, no intervalo entre um trovão e outro. Ele a ouviu desta vez. Ou melhor, escolheu ouvir. Quando ela chegou ao topo das escadas, ele estava esperando.

– Tem algo errado? – ele disse.

Ela escondeu seu tremor com um encolher de ombros.

– Você está sendo bobo – ela respondeu suavemente.

– Estou?

– Era só o trovão.

O rosto dele, iluminado pelo hall inferior, suavemente suavizou-se.

– Por que você me trata como merda? – ele perguntou a ela.

– Você só está cansado – ela lhe disse.

– Por que então? – ele insistiu, infantilmente. – O que eu fiz para você?

– Está tudo bem – ela disse – Verdade, Rory. Tudo está bem. – as mesmas banalidades hipnóticas, repetidas vezes sem conta.

Novamente, o trovão. E sob o som, outro som. Ela amaldiçoou a indiscrição de Frank.

– Ouviu isto? – ele perguntou.

– Não.

Os membros dele estavam obstinados pela bebida, ele moveu-se para longe dela. Ela observou-o adentrar as sombras. Relâmpagos, se derramando através da porta aberta do quarto, o iluminaram; então escuridão de novo. Ele ia na direção do quarto mofado. Na direção de Frank.

– Espere... – ela disse, e foi atrás dele.

– Ele não parou, e continuou a andar até a porta. Quando ela o alcançou, a mão dele estava sobre a maçaneta.

Inspirada pelo pânico, ela estendeu a mão e tocou a bochecha dele.

– Estou com medo... – ela disse.

Ele olhou para ela, confuso.

– De que? – perguntou.

Ela moveu a mão para os lábios dele, deixando-o provar o medo em seus dedos.

– Da tempestade... – ela disse.

Ela podia ver a umidade dos olhos dele na escuridão, um pouco mais. Ele estava mordendo a isca ou cuspidando-a para longe?

Então:

– Pobrezinha... – ele disse.

Mordeu, ela exultou, e baixando a mão, ela colocou sua mão sobre a dele e tirou-a da porta. Se Frank sequer respirasse agora, tudo estaria perdido.

– Pobrezinha – ele disse de novo e a tomou nos braços. O equilíbrio dele não estava bom; foi como uma carga de chumbo sobre ela.

– Vamos – ela disse, afastando-o da porta. Ele foi com ela por alguns passos cambaleantes, e então perdeu o equilíbrio. Ela o soltou, e se apoiou na porta em busca de apoio. O relâmpago veio de novo e com ele, ela viu que os olhos de Rory tinham-na visto, e brilharam.

– Eu a amo, – ele disse, cruzando o corredor para perto dela. Ele se pressionou contra ela, tão pesadamente que não houve resistência. Sua cabeça aninhou-se no pescoço dela, murmurando palavras doces contra sua pele. Agora ele a beijava. Ela queria empurrá-lo. Mais, ela queria pegá-lo pela mão pegajosa e lhe mostrar o monstro desafiador da morte que ele esteve tão perto de descobrir.

Mas Frank não estava pronto para confrontos ainda. Tudo o que ela podia fazer era aguentar as carícias de Rory e esperar que a exaustão o clamasse logo.

– Vamos descer – ela sugeriu.

Ele murmurou algo contra seu pescoço e não se moveu. Sua mão esquerda estava em seu seio, a outra agarrava sua cintura. Ela deixou-o enfiar os dedos sob sua blusa. Resistir a esta altura só o deixaria mais bravo.

– Preciso de você – ele disse, erguendo a boca até o ouvido dela. Antigamente, quase uma vida atrás, seu coração parecia falhar uma batida quando ele fazia isto. Agora ela aprendera. Seu coração não era nenhum acrobata; não havia repuxões nas molas de seu abdômen. Somente o estável funcionamento de seu corpo. Ar para dentro, circulação sanguínea, alimentos digeridos e excretados. Pensar em sua anatomia assim, desassociada de romantismos – como uma coleção de imperativos naturais abrigados em músculos e ossos – ela achava mais fácil deixá-lo tirar sua blusa e enterrar o rosto entre seus seios. Suas terminações nervosas diligentemente responderam à sua língua, mas de novo, era só uma aula de anatomia. Ela permanecia recuada no fundo de seu crânio, e nada a abalava.

Ele estava tirando a roupa; ela viu de relance a forma de sua ereção quando ele a esfregou contra sua coxa. Agora ele abria suas pernas e baixava sua calcinha somente o suficiente para lhe dar acesso. Ela não objetou, não emitiu nenhum som, quando ele a penetrou.

O próprio ruído dele começou quase imediatamente, reivindicações débeis de amor e luxúria, desesperadamente entrelaçados. Ela meio ouviu, e deixou-o executar seus movimentos, o rosto dele enterrado em seus cabelos.

Fechando os olhos, ela tentou imaginar tempos mais felizes, mas o relâmpago estragou seus sonhos. Quando o som se seguiu à luz, ela abriu os olhos de novo para ver que a porta do quarto mofado

estava alguns centímetros aberta. Na fresta estreita entre a porta e o batente, ela conseguiu perceber uma figura reluzente, observando-os.

Ela não podia ver os olhos de Frank, mas sentia-os agudamente por trás de golpes de inveja e fúria. Ela também não desviou os olhos, mas seguiu encarando as sombras enquanto os gemidos de Rory aumentavam. E no momento final, um momento se tornou outro, e ela estava deitada na cama com o seu vestido de noiva amassado sob ela, enquanto uma besta negra e vermelha bombeava entre suas pernas para lhe dar uma amostra de seu amor.

– Pobrezinha – foi a última coisa que Rory disse antes de cair no sono. Ele deitou-se ainda vestido; ela nem tentou despi-lo. Quando os roncos dele estavam estáveis, ela o deixou e voltou ao quarto.

Frank estava em pé ao lado da janela, observando a tempestade se mover para o sudoeste. Ele havia aberto a veneziana. As luzes dos postes externos iluminavam o quarto.

– Ele te ouviu. – ela disse.

– Eu tinha de ver a tempestade – ele simplesmente respondeu – eu precisava.

– Ele quase te descobriu, maldição.

Frank negou com a cabeça.

– Não há tal coisa como "quase" – ele disse, ainda olhando para fora da janela. Então, após uma pausa. – Eu quero sair. Eu quero ter tudo isto de novo.

– Eu sei.

– Não, você não sabe. – ele lhe disse. – você não faz ideia da fome que tenho em mim.

– Amanhã então – ela disse – eu trago outro corpo amanhã.

– Sim. Faça isto. E eu quero mais coisas. Um rádio, para começar. Eu quero saber o que está acontecendo lá fora. E comida: comida de verdade. Pão fresco...

– O que você quiser...

– ... e gengibre. Em conserva, sabe? Caramelado.

– Eu sei.

Ele olhou para ela rapidamente, mas não a viu. Havia mundos demais para redescobrir aquela noite.

– Eu não havia percebido que era outono... – ele disse, e voltou a observar a tempestade.

NOVE

A primeira coisa que Kirsty notou ao virar a esquina da Rua Lodovico no dia seguinte, foi que a veneziana do quarto frontal do andar superior tinha sido removida. Pedacos de jornal havia sido colados com fita adesiva contra o vidro, em seu lugar.

Ela se viu em um ponto de observação vantajoso, em meio a um arbusto de azevinhos, de onde ela esperava poder observar a casa sem ser vista. E então se preparou para a vigília.

Não foi prontamente recompensada. Duas horas se passaram antes que visse Julia sair de casa, passou-se outra hora e quinze minutos até ela retornar, àquela altura, os pés de Kirsty estavam anestesiados pelo frio.

Julia não voltara sozinha. O homem com quem estava não era conhecido de Kirsty, nem parecia ser um membro do círculo de amizades de Julia. À distância, ele parecia ser de meia-idade, atarracado, com início de calvície. Quando seguiu Julia até a casa ele deu um olhar nervoso para trás, como se temesse estar sendo observado.

Ela esperou em seu esconderijo por mais de quinze minutos, incerta do que fazer em seguida. Será que devia ficar ali até o homem sair, e confrontá-lo? Ou devia ir até a casa e tentar entrar escondida? Nenhuma das opções eram particularmente atraentes. Ela decidiu não decidir. Ao invés disto, olharia a casa mais de perto, e veria o que a inspiração momentânea lhe traria.

A resposta foi: muito pouco. Enquanto subia o caminho, seus pés formigavam por virar e levá-la para longe. De fato ela estava a ponto de fazer isto quando ouviu um grito lá dentro.

O nome do homem era Sykes. Stanley Sykes. Não foi só isto o que ele contou a Julia no caminho do bar. Ela sabia o nome de sua esposa (Maudie) e profissão (assistente de podólogo); ela vira fotos

dos filhos (Rebecca e Ethan) que ele insistira em lhe mostrar. O homem parecia estar desafiando-a a continuar com a sedução. Ela somente sorria e lhe dissera que era um homem de sorte.

Mas, uma vez dentro da casa, as coisas ficaram más. No meio da escada o amigável Sykes tinha subitamente anunciado que o que estavam fazendo era errado – que Deus estava vendo, e conhecia seus corações, e via seus desejos. Ela fizera o possível para acalmá-lo, mas ele não desviaria do caminho do Senhor. Ao invés disto, ele perdeu as estribeiras e se abateu sobre ela. Podia ter sido pior, em sua ira dos justos, não fosse a voz que o chamou do patamar. Ele parou de bater nela instantaneamente e ficou tão pálido, que foi como se acreditasse que o próprio Deus o chamasse. Então Frank aparecera no topo da escada, em toda sua glória. Sykes rompera em prantos, e tentara correr. Mas Julia foi rápida. Ela o segurou a tempo de Frank descer os poucos degraus e pegá-lo para valer.

Ela não havia percebido, até ouvir o ruído de ossos quebrados quando Frank se abateu sobre a presa, o quão forte ele tinha se tornado; mais forte do que qualquer homem normal. Sob o toque de Frank, Sykes gritara de novo. Para silenciá-lo, Frank arrancara sua mandíbula.

O segundo grito que Kirsty ouvira havia sido bruscamente interrompido, mas ela identificara pânico suficiente no som para fazê-la correr até a porta e quase bater.

Mas então ela pensou melhor. E vez de bater na porta, ela rodeou a casa, duvidando, a cada passo, da inteligência daquele ato, mas igualmente certa de que um ataque frontal não lhe levaria a lugar algum. O portão que dava acesso ao quintal dos fundos estava sem trancas. Ela atravessou-o, seus ouvidos atentos a qualquer som, especialmente aqueles de seus próprios pés. Da casa, nada. Nem mesmo um gemido.

Deixando o portão aberto para o caso de uma saída rápida, ela correu até a porta dos fundos, estava destrancada. Desta vez,

deixou a dúvida atrasar seus passos. Talvez ela devesse sair dali e ligar para Rory, trazê-lo até a casa. Mas se fizesse isso, aquilo que estava acontecendo na casa naquele momento já teria acabado quando ele chegasse e, ela sabia bem o bastante que, a menos que Julia fosse pega em flagrante, ela escaparia de qualquer acusação. Não, este era o único jeito. Ela entrou.

A casa continuava completamente silenciosa. Não havia nem um som de passos para ajudá-la a localizar os atores do ato que viera ver. Ela se dirigiu à porta da cozinha e de lá para a sala de jantar. Seu estômago se contraiu; sua garganta estava repentinamente tão seca que ela mal conseguia engolir.

Da sala de jantar para a de estar, e então para o hall. Ainda nada, nenhum sussurro ou suspiro. Julia e seu acompanhante só podiam estar lá em cima, o que sugeria que ela estava errada, pensando ter distinguido medo nos gritos. Talvez fosse prazer o que ouvira. Um som de orgasmo, ao invés do terror que identificara de início. Era um engano fácil de se cometer.

A porta da frente estava à sua direita, a poucos metros de distância. Ela ainda podia escapulir por ali, a covarde dentro dela sentiu-se tentada, e seria o mais inteligente. Mas uma curiosidade feroz havia inundado-a, um desejo de saber (de ver) os mistérios que a casa continha, e acabar logo com eles. Ao subir as escadas a curiosidade aumentou a um grau de euforia.

Ela chegou ao topo e começou a atravessar o corredor. O pensamento ocorreu agora, que os pássaros haviam voado, que enquanto ela estivera espiando dos fundos da casa, eles deviam ter fugido pela frente.

A primeira porta à esquerda era do quarto: se estavam transando em algum lugar, Julia e seu amante, certamente seria ali. Mas não. A porta estava escancarada; ela espiou. Os lençóis da cama estavam arrumados.

Então, um grito disforme. Tão perto, tão alto, seu coração disparou.

Ela saiu do quarto, para ver uma figura emergir de um dos quartos ao longo do patamar. Levou um momento para reconhecer o homem nervoso que chegara com Julia – e só pelas roupas. O resto dele havia mudado, horrivelmente mudado. Alguma doença destruidora havia atingido-o nos minutos que se passaram desde que o vira na porta, murchando sua carne nos ossos.

Ao ver Kirsty, ele se jogou na sua direção, buscando qualquer proteção, por mais frágil que fosse, que ela pudesse oferecer. Ele não deu mais do que um passo para fora da porta, quando uma figura apareceu às vistas por trás dele. Ela também parecia doente, o corpo estava com bandagens da cabeça aos pés – as faixas manchadas de sangue e pus. Não havia nada errado com sua força, no entanto, ou na velocidade de seu ataque seguinte, que sugerisse doença. Muito pelo contrário. Ele alcançou o homem fugitivo e agarrou-o pelo pescoço. Kirsty soltou um grito, quando o captor arrastou sua presa de volta, em seu abraço.

A vítima exalou o pouco de lamento que seu rosto deslocado era capaz. Então o agressor apertou o abraço. O corpo tremeu e se convulsionou; as pernas fraquejaram. Sangue se derramou dos olhos e nariz e boca. Gotas dele encheram o ar, como vapor quente, atingindo as sobrancelhas dela. A sensação a tirou da inércia. Não havia tempo para aguardar e observar. Ela correu.

O monstro não a perseguiu. Ela chegou ao topo das escadas sem ser atacada. Mas enquanto descia, aquilo se dirigiu a ela.

Aquela voz era... familiar.

– Aí está você... - aquilo disse.

Ele falou com tons suaves, como se a conhecesse. Ela parou.

– Kirsty – ele disse – Espere um pouco.

Sua cabeça lhe dizia para fugir. No entanto, suas entranhas desafiavam a inteligência. Ela queria se lembrar que voz era aquela,

falando por baixo das bandagens. Ela ainda podia escapar, racionalizou; tinha metros de vantagem. Ela olhou para a figura. O corpo em seus braços estava encurvado, em posição fetal, pernas contra o peito. O monstro o soltou.

– Você o matou... – ela disse.

A coisa anuiu. Não havia desculpas a pedir, aparentemente, nem à vítima, nem à testemunha.

– Vamos pranteá-lo mais tarde – ele lhe disse e deu um passo a sua direção.

– Onde está Julia? – Kirsty exigiu.

– Não tema. Está tudo bem... – a voz disse. Ela estava tão perto de se lembrar quem ele era.

Enquanto ela raciocinava, ele deu mais um passo em sua direção, uma mão sobre a parede, como se seu equilíbrio ainda fosse incerto.

– Eu a vi – ele continuou – E eu acho que você me viu. Na janela...

Sua confusão aumentou. Já fazia tanto tempo que aquela coisa estava ali? Neste caso, certamente Rory deve...

E então ela soube de quem era a voz.

– Sim. Você se lembra. Posso ver que se lembra...

Era a voz de Rory, ou melhor, parecida o suficiente com a voz dele. Mais gutural, mais condescendente, mas a semelhança era evidente o bastante para mantê-la presa no lugar enquanto a besta se arrastava para encurtar a distância até ela.

Por fim ela quebrou o fascínio e se virou para fugir, mas a causa já estava perdida. Ela ouviu seus passos às suas costas, então sentiu os dedos em seu pescoço. Um grito subiu aos lábios, mas o que

saiu não passou de um sussurro antes da coisa apertar a palma enrugada em seu rosto, sufocando tanto o grito quanto a respiração.

Ele a puxou e a levou de volta para o local de onde havia saído. Em vão ela lutou contra seu agarre; as pequenas feridas que seus dedos faziam naquele corpo – arrancando bandagens e se enterrando na carne crua que havia por baixo – mal era sentido, parecia. Por um momento horrível, os calcanhares dela se arrastaram sobre o cadáver no chão. Então ela estava sendo arrastada para o quarto de onde o vivo e o morto havia emergido. Ele fedia a leite azedo e carne fresca. Quando ela foi jogada no chão, a madeira estava úmida e morna.

Ela teve vontade de vomitar. Não lutou contra o instinto, e soltou tudo o que seu estômago continha. Na confusão do atual desconforto e do terror antecipado, não teve muita certeza do que aconteceu em seguida. Ela viu alguém mais (Julia) no corredor quando a porta foi fechada, ou eram só as sombras? De qualquer forma era tarde demais para súplicas. Ela estava sozinha com o pesadelo.

Limpando a bÍlis de sua boca, ela se levantou. A luz do dia atravessava o jornal na janela aqui e ali, riscando o quarto como a luz do sol através de galhos de árvores. E através desta paisagem pastoral, a coisa veio cheirá-la.

– Venha para o papai – ele disse.

Em seus vinte e seis anos ela jamais ouvira um convite mais fácil de recusar.

– Não me toque, – ela lhe disse.

Ele ergueu a cabeça um pouquinho, como se encantado por esta demonstração de força. Então, se aproximou dela, todo risos e pus, e – Deus a ajudasse – desejo.

Ela se afastou alguns desesperados centímetros até o canto, até que não houvesse lugar algum para ir.

– Não se lembra de mim? – ele disse.

Ela negou com a cabeça.

– Frank. – ele respondeu. – Sou o Irmão Frank...

Ela havia encontrado Frank somente uma vez, na casa da Estrada Alexandra. Ele viera de visita uma tarde, um pouco antes do casamento, mais ela não conseguia se lembrar. Só que ela o tinha odiado à primeira vista.

– Me deixe em paz. – ela disse, quando ele esticou a mão para tocá-la. Havia uma delicadeza vil no modo como seus dedos sujos tocaram seu peito.

– Não – ela berrou – ou eu vou...

– O que? – disse a voz de Rory – O que você vai fazer?

Nada, era a resposta, é claro. Ela estava indefesa, como só estivera antes em sonhos, aqueles sonhos de perseguição e ataques que sua psique sempre encenava em um beco em alguma eterna noite. Nunca – nem mesmo em suas fantasias mais corajosas – ela havia antecipado que a arena seria um quarto perto do qual ela já passara dezenas de vezes, em uma casa onde fora feliz, enquanto lá fora, o dia seguia tranquilamente, cinza em cinza.

Em um gesto fútil de desgosto, ela empurrou a mão investigadora para longe.

– Não seja cruel, – a coisa disse e seus dedos tocaram sua pele de novo, impossível de ser afastado como uma vespa de Outubro. – Não há nada a ter medo.

– Lá fora... – ela começou, pensando nos horrores do corredor.

– Um homem precisa se alimentar – Frank respondeu – Com certeza poderá me desculpar por isto?

Por que ela sentia este toque, ela se perguntou? Porque seus nervos não compartilhavam seu desgosto e morriam sob estas carícias?

– Isto não está acontecendo – ela disse a si mesma, em voz alta, mas a besta só gargalhou.

– Eu costumava dizer o mesmo – ele disse – Dia após dia. Costumava tentar e sonhar que as agonias desapareciam. Mas não dá. Acredite. É impossível. Elas precisam ser enfrentadas.

Ela sabia que ele dizia a verdade, o tipo de verdade desagradável que somente os monstros eram livres para dizer. Ele não tinha necessidade nenhuma de agradá-la ou bajulá-la; ele não tinha filosofia alguma a debater, ou sermão a fazer. Sua nudez horrenda era um tipo de sofisticação. Por trás das mentiras da fé, e para dentro de reinos mais puros.

Ela sabia também que não resistiria. Que quando suas súplicas falhassem, e Frank a tomasse, fosse para qual vil ato tinha em mente, ela soltaria um grito tão forte que se despedaçaria.

Sua própria sanidade estava em xeque ali; ela não tinha opção além de lutar e rapidamente.

Antes que Frank tivesse a chance de apertar ainda mais forte, suas mãos subiram ao rosto dele, os dedos enfiando nos globos oculares e boca. A carne por baixo da bandagem tinha a consistência de gelatina; caía em pingos e com ela, uma umidade quente.

A besta gritou, soltando-a. Aproveitando o momento, ela afastouse dele, o impulso a levando contra a parede com força suficiente para deixá-la sem fôlego.

De novo, Frank rugiu. Ela não perdeu tempo regozijando seu desconforto, mas deslizou pela parede, sem confiar suficientemente em suas pernas para se mover em território aberto – em direção à porta. Enquanto avançava, seu pé tropeçou em uma jarra destampada de gengibre em conserva que rolou pelo quarto, derramando todo o conteúdo pelo chão.

Frank se virou para ela, a bandagem em seu rosto pendurada em espirais vermelhas onde ela a tinha arrancado. Em vários locais os ossos estavam expostos. Mesmo agora, ele correu a mão sobre as feridas, emitindo rugidos de horror, enquanto buscava medir a extensão dos ferimentos. Ela tinha arrancado seus olhos? Não tinha certeza. Mesmo se tivesse era só questão de tempo até ele localizá-la neste quarto pequeno e quando ele o fizesse, sua fúria não conheceria limites. Ela tinha de chegar à porta antes que ele recuperasse sua localização.

Esperança vã! Ela não teve um momento para dar um passo antes que ele baixasse a mão do rosto e examinasse o quarto. Ele a viu, sem dúvida. Um instante mais tarde, ele estava caindo sobre ela com renovada violência.

A seus pés havia uma bagunça de itens domésticos. O maior item era uma caixa lisa. Ela se abaixou e a pegou. Ao voltar a ficar em pé, ele estava sobre ela. Ela deu um grito desafiante e bateu na cabeça dele com a caixa. Foi um golpe tão forte que o osso afundou. A besta cambaleou para trás e ela se jogou para a porta, mas antes de alcançá-la a sombra inundou mais uma vez, e ela estava voando de costas pelo quarto. Ele veio atrás dela em perseguição furiosa.

Desta vez ele não tinha nenhuma intenção além de assassinato. Seus golpes eram para matar; que não conseguisse era testemunho menos quanto à velocidade de fuga dela do que da imprecisão de sua fúria. Apesar disto, um a cada três dos golpes que ele brandiu a atingia. Cortes se abriram em seu rosto e no colo; ela estava a ponto de desmaiar.

Enquanto se encolhia sob seu ataque, ela pensou de novo na arma que havia achado. A caixa ainda estava em sua mão. Ela a ergueu para dar outro golpe, mas quando os olhos de Frank viram a caixa, o ataque subitamente cessou.

Houve uma pausa arfante, no qual Kirsty teve chance de se perguntar se a morte não seria mais fácil do que resistir. Então Frank ergueu o braço para ela, desfez o punho e disse:

– Me dê.

Ele era apegado às suas coisas, ao que parecia. Mas ela não tinha intenção de abrir mão de sua única arma.

– Não. – ela disse.

Ele fez a exigência uma segunda vez, e havia uma ansiedade distinta em seu tom de voz. Parece que a caixa era preciosa demais para ele, para arriscar-se a tomá-la a força.

– Pela última vez, – ele disse a ela. – Então vou te matar. Me dê a caixa.

Ela avaliou as chances. O que ela tinha a perder?

– Peça por favor – ela disse.

Ele olhou-a confuso, um gemido suave na garganta. Então, educado como uma criança interesseira, ele disse:

– Por favor.

A palavra era sua deixa. Ela jogou a caixa na janela com toda a força que seu braço trêmulo possuía. Ele passou pela cabeça de Frank, quebrando o vidro, e desapareceu de vista.

– Não! – ele berrou e estava à janela em um piscar de olhos. – Não! Não! Não!

Ela correu para a porta, suas pernas ameaçando falhar a cada passo. Então ela estava no patamar. A escada quase a derrotou, mas ela agarrou-se ao corrimão como uma velhinha, e conseguiu chegar ao hall sem cair.

Lá em cima, havia mais barulho. Ele chamava por ela de novo. Mas desta vez ela não seria pega. Ela correu pelo hall até a porta da frente e abriu-a.

O dia tinha clareado desde que entrara na casa – uma desafiante explosão de luz solar antes que a tarde caísse. Apertando os olhos diante do brilho, ela se dirigiu à calçada. Havia cacos de vidro no chão, e entre eles, sua arma. Ela a pegou, uma lembrancinha de sua coragem, e correu. Ao chegar à rua, palavras começaram a vir – um balbúcio desesperado, fragmentos de coisas que vira e sentira. Mas a Rua Lodovico estava deserta, então ela começou a correr, e continuou correndo até abrir uma boa distância entre ela e o monstro enfaixado.

Eventualmente, perambulando por alguma rua que não reconheceu, alguém lhe perguntou se precisava de ajuda. O pequeno gesto de gentileza a derrotou, e o esforço de dar uma resposta coerente a pessoa que perguntava era demais, sua mente exausta cedeu e ela apagou.

DEZ

1

Ela acordou em uma nevasca, ou pelo menos foi sua primeira impressão. Acima dela, uma brancura perfeita, neve sobre a neve. Ela estava enfiada na neve, encostada na neve. A brancura era enjoativa. Parecia preencher sua garganta e olhos.

Ela levou as mãos à frente de seu rosto; cheiravam a um sabonete estranho, cujo perfume era desagradável. Então, ela começou a se concentrar: as paredes, os lençóis imaculados, a medicação ao lado da cama. Um hospital.

Gritou pedindo ajuda. Horas ou minutos depois, não conseguiu ter certeza qual, a ajuda veio, na forma de uma enfermeira que simplesmente disse:

– Você acordou. – e saiu para chamar seus superiores.

Ela não disse nada a eles, quando chegaram. No espaço de tempo entre a saída da enfermeira e sua volta com os médicos, ela havia decidido que aquela não era uma história que estivesse pronta para contar. Amanhã (talvez) ela pudesse encontrar palavras para convencê-los do que havia visto. Mas hoje? Se tentasse explicar, eles acariciariam sua testa e lhe diriam para parar de falar besteiras, condescendentes e tentando persuadi-la de que ela estava alucinando. Se insistisse, eles provavelmente a sedariam, o que tornaria tudo pior. O que ela precisava era tempo para pensar.

Tudo isto ela racionalizou antes deles chegarem, então quando perguntaram o que tinha acontecido, ela já tinha mentiras prontas. Estava tudo enevoado, ela lhes disse; mal conseguia lembrar seu próprio nome. Durma agora, eles disseram, e ela disse que era tudo o que queria e bocejou. Eles então se retiraram.

– Oh, sim... – disse um deles, quando estava a ponto de sair do quarto. – Ia me esquecendo...

Ele tirou a caixa de Frank do bolso.

– Você estava segurando isto – ele disse – quando foi encontrada. Tivemos muita dificuldade de retirá-la de suas mãos. Significa algo para você?

Ela disse que não.

– A polícia já deu uma olhada. Havia sangue na caixa, sabe. Talvez seu. Talvez não.

Ele se aproximou da cama.

– Você a quer? – ele perguntou. Então adicionou – Ela está limpa.

– Sim. – ela respondeu. – Sim, por favor.

– Pode ser que reavive sua memória – ele disse a ela, e a pousou na mesinha de cabeceira.

2

– O que vamos fazer? – Julia perguntou pela centésima vez. O homem no canto não disse nada; também não havia nenhum sinal interpretável em seu rosto arruinado. – O que você queria com ela, de qualquer forma? – ela perguntou – Você estragou tudo.

– Estraguei? – disse o monstro – Você não sabe nada sobre estragos.

Ela engoliu sua raiva. Sua cria a enervou.

– Temos de ir embora, Frank. – ela disse, suavizando o tom.

Ele lançou-lhe um olhar à distância, incandescente.

– Eles virão atrás de você – ela disse – Ela vai contar tudo a eles.

– Talvez...

– Você não se importa? – ela exigiu.

O monte de bandagem deu de ombros.

– Sim, – ele disse. – É claro. Mas não podemos ir embora, querida.

Querida. A palavra zombava dos dois, um sopro de sentimento em um quarto que só conhecera dor.

– Não posso enfrentar o mundo assim. – ele apontou para o próprio rosto – Posso? – ele continuou, olhando para ela. – Olhe para mim.
– ela olhou. – Posso?

Não.

– Não. – Ele respondeu, encarando o chão. – Eu preciso de uma pele, Julia.

– Uma pele?

– Então, talvez... talvez possamos sair para dançar. Não é o que você quer?

Ele falava tanto de dança quanto de morte com igual indiferença, como se uma palavra carregasse tão pouco significado quanto a outra. Isto a acalma, ouvi-lo falar desta forma.

– Como? – ela disse, por fim. Significando, como uma pele pode ser roubada, mas também, como nossa sanidade vai sobreviver?

– Existem maneiras – disse o rosto esfolado, e jogou-lhe um beijo.

Se não fosse pelas paredes brancas, ela jamais teria pego a caixa. Se tivesse um quadro para observar – um vaso de girassóis, ou uma visão das pirâmides – qualquer coisa para quebrar a monotonia da sala, ela teria ficado contente em encará-lo, e pensar. Mas a brancura era demais; não lhe dava um ponto no qual se apoiar na sanidade. Então, ela estendeu a mão para a mesinha ao lado da cama e pegou a caixa.

Era mais pesada do que se lembrava. Ela teve de sentar-se na cama para examiná-la. Havia pouco a ver. Nenhuma beirada visível. Nenhuma fechadura. Sem dobradiças. Se ela virasse a caixa uma vez, teria virado-a centenas de vezes, sem encontrar pista nenhuma de como abri-la. Não era sólida, disto tinha certeza. Tal lógica exigia que houvesse uma maneira de abri-la. Mas onde?

Ela tateou, chacoalhou, empurrou e pressionou, sem resultado algum. Não foi até rolar na cama para examiná-la sob o brilho forte da lâmpada que descobriu uma pista sobre como a caixa era construída. Havia rachaduras infinitesimais nas laterais da caixa, onde uma parte da peça encaixava-se na próxima. Elas deviam ser invisíveis, mas havia um resíduo de sangue nela, traçando a complexa relação das partes.

Sistematicamente, começou a tatear as laterais, testando suas hipóteses, empurrando e puxando mais uma vez. As ranhuras lhe davam uma visão geral da geografia do brinquedo; sem elas, ela poderia ter examinado os seis lados para sempre. Mas as opções eram significativamente reduzidas pelas pistas que encontrou; havia formas demais de abrir aquela caixa.

Após um longo tempo, sua paciência foi recompensada. Um clique, e de repente um dos compartimentos deslizou de seus arredores laqueados. Dentro, havia beleza. Superfícies polidas que cintilavam como a mais fina madrepérola, sombras coloridas pareciam se mover no brilho.

E havia música também; uma canção simples emergia da caixa, tocada por um mecanismo que ela não conseguia ver. Encantada,

dedicouse mais. Embora uma parte tivesse sido removida, o resto não cedeu prontamente. Cada segmento apresentava um novo desafio para dedos e mente, as vitórias recompensadas com mais uma filigrana adicionada à canção.

Ela estava trabalhando na quarta seção com uma elaborada série de voltas e contravoltas, quando ouviu o sino. Ela parou de trabalhar, e olhou para cima.

Algo estava errado. Ou seus olhos cansados estavam pregando peças, ou as paredes cor-de-neve subitamente havia se movido, de verdade. Ela baixou a caixa, e ergueu-se da cama para ir até a janela. O sino ainda tocava, um dobre solene. Ela puxou a cortina alguns centímetros. Era noite e ventava muito. Folhas dançavam sobre o gramado do hospital; mariposas se juntavam sob a luz dos postos. Por mais improvável que parecesse, o som do sino não vinha de fora. Soava atrás dela. Ela soltou a cortina e voltou a olhar para o quarto.

Ao fazê-lo, a lâmpada do abajur na lateral da cama ardeu como uma chama viva. Instintivamente, estendeu a mão para as peças da caixa: elas e estes estranhos eventos estavam de alguma forma entrelaçados. Quando achou os fragmentos, a luz apagou.

No entanto, ela não foi deixada em escuridão total; nem estava sozinha. Havia uma fosforescência aos pés da cama e, em seu contorno, uma figura. A condição de sua carne feria a imaginação – os ganchos, as cicatrizes. Ainda assim, a voz dele, quando falou, não era de uma criatura que sofresse dores.

– Chama-se Configuração de Lemarchand – disse ele, apontando para a caixa. Ela baixou os olhos; as peças não estavam mais na mão, mas flutuando alguns centímetros acima de sua palma. Milagrosamente, a caixa estava se autoconfigurando sem ajuda visível, as peças deslizando juntas enquanto a caixa toda girava e girava. Enquanto isto acontecia, Kirsty captava novos relances do interior polido e pareceu ver rostos fantasmagóricos – retorcidos como em sofrimentos ou refletidos em vidro ruim – uivando para ela.

Então todos, exceto um dos segmentos se fecharam e o visitante voltou a chamar sua atenção.

– A caixa é feita para romper a superfície da realidade – ele disse. – um tipo de invocação através da qual os Cenobitas são notificados...

– Quem? – ela disse.

– Você abriu-a em ignorância – o visitante disse – estou certo?

– Sim.

– Já aconteceu antes – veio a resposta – Mas não há como evitar. Não há maneira de fechar a Cisão, a não ser tomarmos o que é nosso...

– Isto é um erro – ela disse.

– Não tente lutar. Está além de seu controle. Você precisa me acompanhar.

Ela negou com a cabeça. Ela já aguentara pesadelos perturbadores o bastante por uma vida inteira.

– Eu não vou com você – ela disse – Maldito, eu não vou...

Enquanto falava, a porta se abriu. Uma enfermeira que ela não reconheceu – um membro do plantão noturno presumivelmente – apareceu.

– Você chamou? – ela perguntou.

Kirsty olhou para o Cenobita, então olhou de volta para a enfermeira. Eles estavam há poucos metros de distância.

– Ela não me vê – ele disse – Nem pode me ouvir. Eu pertenço a você, Kirsty. E você pertence a mim.

– Não. – ela disse.

– Tem certeza? – disse a enfermeira – Pensei ter ouvido...

Kirsty balançou a cabeça. Era loucura, tudo era loucura.

– Você devia estar deitada. – a enfermeira repreendeu. – Vai acabar se matando...

O Cenobita riu baixinho.

– Volto em cinco minutos – disse a enfermeira – Por favor, vá dormir.

E ela saiu de novo.

– É melhor irmos. – ele disse. – Deixe-os com seus retalhos, é? Estes lugares deprimentes.

– Você não pode fazer isto – ela insistiu.

Ele se aproximou dela, inexoravelmente. Uma fileira de sininhos, dependurados da carne magricela de seu pescoço, tilintaram a sua aproximação. O cheiro que exalou causou-lhe engulhos.

– Espere – ela disse.

– Sem lágrimas, por favor. São um desperdício de bom sofrimento.

– A caixa – ela disse desesperada – Não quer saber onde achei a caixa?

– Não particularmente.

– Frank Cotton – ela disse – Conhece este nome? Frank Cotton.

O Cenobita sorriu.

– Oh sim. Conhecemos o Frank.

– Ele abriu a caixa também, não é?

– Ele queria prazer, até o darmos a ele. Daí, ele mudou de ideia.

– Se eu te levar a ele...

– Então ele está vivo?

– Bem vivo.

– E você está propondo o que? Que eu o leve em seu lugar?

– Sim. Sim. Por que não? Sim.

O Cenobita se afastou dela. O quarto sussurrou.

– Me sinto tentado – ele disse. Então: – Mas talvez você esteja trapaceando. Talvez você esteja mentindo, para ganhar tempo.

– Eu sei onde ele está, pelo amor de Deus. – ela disse. – Ele fez isto comigo! – ela estendeu os braços cheios de hematomas para ele ver.

– Se estiver mentindo – ele disse – se só estiver tentando escapar disto...

– Não estou.

– Então entregue-nos Frank vivo.

Ela quase chorou de alívio.

– ...faça-o confessar. E talvez não despedacemos a sua alma.

ONZE

1

Rory estava parado no hall encarando Julia, sua Julia, a mulher a quem ele uma vez jurara amar e respeitar até que a morte os separasse. Na época não parecia uma promessa muito difícil de cumprir. Ele havia idealizado-a por tanto tempo quando podia se lembrar, sonhando com ela a noite e passando os dias a compor poemas de amor de selvagem inépcia para ela. Mas as coisas haviam mudado e, ele aprendera enquanto observara-as mudar, que os maiores tormentos eram, geralmente, os mais sutis. Houve ocasiões ultimamente quando ele preferia uma morte dolorosa à coceira de suspeita que havia degradado sua alegria.

Agora, ao olhar para ela no pé da escada, era impossível para ele até mesmo se lembrar dos bons tempos. Tudo eram dúvidas e sordidez.

Uma coisa o deixava feliz: ela parecia perturbada. Talvez aquilo significasse que havia uma confissão no ar, indiscrições de que ela desabafaria e que ele iria perdoá-la em um turbilhão de lágrimas e compreensão.

– Você parece triste – ele disse.

Ela hesitou, então disse:

– É difícil, Rory.

– O que é difícil?

Ela parecia querer desistir antes de começar.

– O que é difícil? – ele pressionou.

– Tenho tanto a contar.

As mãos dela, ele viu, agarravam o corrimão com tanta força que os nós dos dedos estavam brancos.

– Estou ouvindo. – ele disse. Ele a amaria de novo, se ela só fosse honesta com ele. – Diga-me, – ele disse.

– Eu acho que talvez... talvez seja mais fácil eu te mostrar... – ela lhe disse, e isto dito, guiou-o lá para cima.

2

O vento que fustigou as ruas não era morno, a julgar pelo modo como os pedestres puxavam as golas para cima e tentavam cobrir o rosto. Mas Kirsty não sentia o frio. Haveria uma companhia invisível que mantinha-a aquecida, abrigando-a com aquele fogo que os Antigos haviam conjurado para queimar pecadores? Ou isso, ou ela estava assustada demais para sentir qualquer coisa.

Mas então aquilo não era o que ela sentia; ela não sentia medo. O sentimento em suas entranhas era muito mais ambíguo. Ela havia aberto uma porta – a mesma porta que o irmão de Rory havia aberto – e agora ela estava caminhando com demônios. E no fim de suas viagens, ela teria sua vingança. Ela encontraria a coisa que a atacara e atormentara, e o faria sentir impotente do jeito que ela se sentira. Ela o assistiria ser destruído. Mais, ela regozijaria assistir. A dor a tornara sádica.

Enquanto ia para a Rua Lodovico, olhou ao redor em busca de um sinal do Cenobita, mas ele não estava em nenhum lugar por perto. Destemida, ela se aproximou da casa. Ela não tinha nenhum plano em mente: havia muitas variáveis a serem consideradas. Primeiro, Julia estaria lá? E se assim fosse, o quão envolvida nisto ela estava? Impossível crer que ela fosse uma espectadora inocente, mas talvez ela tivesse agido por puro medo de Frank; os próximos poucos minutos poderiam prover as respostas. Ela tocou a campainha, e esperou.

A porta foi atendida por Julia. Em sua mão, um pedaço de renda branca.

– Kirsty – ela disse, aparentemente não surpresa com sua presença.
– Está tarde...

– Cadê o Rory? – foram as primeiras palavras de Kirsty. Elas não eram exatamente as que ela planejara, mas saíram por sua boca incontrolavelmente.

– Esta lá dentro. – Julia respondeu calmamente, como se tentando acalmar uma criança histérica. – Aconteceu alguma coisa?

– Eu quero falar com ele – Kirsty respondeu.

– Rory?

– Sim...

Ela atravessou a porta sem esperar convite. Julia não objetou, mas fechou a porta atrás dela.

Só agora Kirsty sentiu o frio. Ela parou no hall e estremeceu.

– Você está com uma aparência péssima – disse Julia, tranquilamente.

– Estive aqui esta tarde – ela soltou – Eu vi o que aconteceu, Julia. Eu vi.

– O que havia para ver? – veio a resposta, sua pose estava inabalável.

– Você sabe.

– Honestamente não sei.

– Eu quero falar com Rory...

– É claro – veio a resposta. – Mas cuidado com ele, por favor. Ele não está se sentindo bem.

Ela levou Kirsty até a sala de jantar. Rory estava sentado à mesa; havia um copo de bebida em sua mão, uma garrafa ao lado. Pendurado em uma cadeira adjacente estava o vestido de noiva de Julia. A visão dele estimulou o reconhecimento do pedaço de renda branco que ela trazia na mão: era o véu da noiva.

Rory estava em farrapos. Havia sangue seco em seu rosto, e na linha de seu cabelo. O sorriso que ele deu era caloroso, mas cansado.

– O que aconteceu...? – ela perguntou a ele.

– Está tudo certo agora, Kirsty – ele disse. Sua voz mal passava de um sussurro. – Julia me contou tudo... e está tudo bem.

– Não – ela disse, sabendo que era impossível ele saber a história inteira.

– Você veio aqui esta tarde.

– Isto mesmo.

– Mas que falta de sorte a sua.

– Mas você... você me pediu... – ela olhou rapidamente para Julia, que estava parada próxima à porta, então de volta para Rory. – Eu fiz o que eu pensei que você quisesse.

– Sim. Eu sei. Eu sei. Eu só me arrependo por você ter sido arrastada para este negócio terrível.

– Você sabe o que seu irmão fez? – ela disse. – Você sabe o que ele invocou?

– Eu sei o suficiente. – Rory replicou – O ponto é, agora tudo acabou.

- O que quer dizer?
- O que quer que ele tenha feito, vou recompensá-la.
- O que quer dizer com tudo acabado?
- Ele está morto, Kirsty.

("Entregue-nos Frank vivo, e talvez não despedacemos sua alma")

- Morto?
- Nós o destruímos, Julia e eu. Não foi tão difícil. Ele achou que podia confiar em mim, você sabe, pensou que o sangue fosse mais forte do que a água. Bem, não é. Eu não condenaria um homem daqueles a viver...

Ela sentiu um repuxão na barriga. Teriam os Cenobitas já jogados seus ganchos sobre ela, já tomando posse de suas entranhas?

- Você tem sido tão gentil, Kirsty. Arriscou-se tanto voltando aqui...

(Havia algo sob seus ombros. "Me dê suas almas" aquilo dizia.)

- Eu vou notificar as autoridades, quando me sentir um pouco melhor. Tentar achar um jeito de fazê-los compreender...
- Você o matou? – ela disse.
- Sim.
- Eu não acredito nisto... – ela murmurou.
- Leve-a lá em cima – Rory disse a Julia. – Mostre-lhe.
- Você quer ver? – Julia perguntou.

Kirsty concordou com a cabeça e seguiu-a.

Estava mais quente lá em cima do que no andar de baixo, e o ar estava oleoso e cinzento, como água engordurada de lavar pratos. A porta para o quarto de Frank estava escancarada. A coisa que jazia no chão em um amontoado de bandagens rasgadas, ainda quente. Seu pescoço estava claramente quebrado, a cabeça virada por sobre o ombro. Ele estava totalmente desprovido de pele, da cabeça aos pés.

Kirsty desviou o olhar, nauseada.

– Satisfeita? – Julia perguntou.

Kirsty não respondeu, mas deixou o quarto e pisou no corredor. Sobre seus ombros, o ar estava agitado.

("Você perdeu," algo disse, perto dela.

"Eu sei," ela murmurou.)

O sino tinha começado a tocar, dobrando por ela, certamente; e um remoinho de asas ali perto, um festival de aves de rapina. Ela correu para as escadas, rezando para que não fosse alcançada antes de chegar à porta. Se eles fossem arrancar seu coração, ao menos que Rory fosse poupado da visão. Que ele se lembrasse dela forte, com riso nos lábios, e não súplicas.

Atrás dela, Julia disse:

– Aonde você vai? – Quando não houve resposta, ela continuou a falar. – Não conte nada a ninguém, Kirsty. – ela insistiu. – Podemos lidar com isto, Rory e eu...

A voz dela havia distraído Rory de sua bebida. Ele apareceu no corredor do hall. As feridas que Frank havia causado pareciam mais graves do que Kirsty achara de início. Seu rosto estava ferido em dezenas de locais e a pele em seu pescoço, sulcada. Quando se aproximou dele, ele estendeu a mão e segurou o seu braço.

– Julia tem razão, – ele disse. – Deixe que façamos a denúncia, está bem?

Havia tantas coisas que ela queria dizer-lhe naquele momento, mas não havia tempo para mais nada. O sino estava tocando alto em sua mente. Alguém havia enroscado suas entranhas em volta de seu pescoço, e estava puxando o nó bem forte.

– É tarde demais... – ela murmurou para Rory, e afastou a mão dele.

– O que quer dizer? – ele disse, enquanto ela cruzava os metros até a porta. – Não vá, Kirsty. Não ainda. Diga-me o que quer dizer.

Ela não conseguiu evitar olhar rapidamente para ele, na esperança de encontrar em seu rosto todos os arrependimentos que ela sentia.

– Está tudo bem, – ele disse docemente, ainda esperando acalmá-la. – Realmente está. – ele abriu os braços – Venha para o Papai. – ele disse.

A frase não soou bem saindo da boca de Rory. Alguns garotos jamais crescem para serem papais, não importa quantos filhos tenham.

Kirsty apoiou uma mão na parede para equilibrar-se.

Não era Rory quem falava com ela. Era Frank. De alguma forma, era Frank...

Ela agarrou-se ao pensamento durante o barulho crescente dos sinos, tão alto agora que seu crânio parecia a ponto de se partir. Rory ainda sorria para ela, de braços abertos. Ele falava também, mas ela não conseguia mais ouvir o que dizia. A carne tenra de seu rosto formava as palavras, mas os sinos abafavam o som das palavras. Ela sentia-se grata por isto; tornava mais fácil ir contra a evidência de seus olhos.

– Eu sei quem você é... – ela disse subitamente, incerta se suas palavras estavam sendo ouvidas, mas inquestionavelmente certa de que eram verdade. O corpo de Rory estava lá em cima, abandonado para apodrecer sob as bandagens retiradas de Frank. A pele usurpada estava agora recobrando o corpo de seu irmão, o casamento selado com o derramamento de sangue. Sim! Era isto.

O nó de sua garganta se apertou; só faltava momentos até eles a alcançarem. Em desespero, ela começou a voltar para o hall na direção da voz de Rory.

– É você... – ela disse.

O rosto sorriu para ela, imperturbável.

Ela estendeu a mão, e tentou tocá-lo. Surpreso, ele deu um passo para trás, para evitar seu toque, movendo-se com graciosa lentidão, mas de alguma forma ainda conseguindo evitar o toque. Os sinos estavam intoleráveis; eles bombeavam seus pensamentos, badalando seu tecido cerebral até virar poeira. À beira da insanidade, ela estendeu a mão de novo para ele, e desta vez ele não conseguiu evitá-la. Suas unhas arranharam a carne da bochecha dele e a pele, tão recentemente enxertada, deslizou como seda. A carne ensanguentada sob ela apareceu como uma visão horrenda.

Por trás dela, Julia gritou.

E subitamente os sinos não estavam mais na cabeça de Kirsty. Estavam na casa, no mundo.

As luzes do hall brilharam deslumbrantemente forte, e então – seus filamentos sobrecarregaram – apagou. Houve um curto período de total escuridão, durante este tempo ela ouviu um choramingo que podia ou não podia vir de seus próprios lábios. Então, foi como se fogos de artifício estivessem tomando vida nas paredes e chão. O hall dançou. Um momento era um abatedouro (as paredes se tornando escarlate); no próximo, um boudoir (azul bebê, amarelo

canário); no momento seguinte, o túnel de um trem fantasma – toda velocidade e fogo súbito.

Com uma luz tremeluzente, ela viu Frank vindo em sua direção, o rosto descartado de Rory dependurado de sua mandíbula. Ela evitou seu braço estendido e correu. O nó em sua garganta havia relaxado, ela percebeu: os Cenobitas tinham aparentemente reconhecido o erro de seus métodos. Logo eles interviriam, certamente, e dariam um fim a esta farsa de identidades trocadas. Ela não esperaria para ver Frank ser levado da forma que achou que faria; ela já tivera o bastante. Ao invés disto fugiria da casa pela porta dos fundos e os deixaria lá.

Seu otimismo teve vida curta. Os fogos de artifício no hall iluminaram um pouco da área a sua frente na sala de jantar, o suficiente para ver que ela já estava enfeitiçada. Havia algo se movendo pelo chão, como cinzas ao vento, e correntes saltitando no ar. Ela podia ser inocente, mas as forças soltas ali eram indiferentes a tais trivialidades; ela pressentiu que dar mais um passo atrairia atrocidades.

Sua hesitação deixou-a novamente ao alcance de Frank, mas quando ele tentou pegá-la os fogos de artifícios no saguão falsearam, e ela escapou dele para o abrigo da escuridão. O alívio durou pouco. Novas luzes já estavam florescendo no hall – e ele voltou a correr atrás dela, bloqueando sua rota de fuga até a porta da frente.

Por que eles não o levavam, pelo amor de Deus? Ela não havia trazido-o da forma como havia prometido, desmascarado?

Frank abriu a jaqueta. Em seu cinto havia uma faca ensanguentada – sem dúvida a que ele usara para arrancar a pele de Rory. Ele a pegou, e apontou-a para Kirsty.

– De agora em diante, – ele disse, enquanto a observava. – Eu sou Rory. – Ela não tinha escolha a não ser afastar-se dele, a porta

(fuga, sanidade) afastando-se a cada passo. – Compreende? Agora eu sou Rory. E ninguém jamais saberá a verdade.

O calcanhar dela atingiu o pé da escada, e subitamente havia outras mãos sobre ela, explorando pelo corrimão e agarrando punhados de seus cabelos. Ela virou a cabeça e olhou para cima. Era Julia, é claro, rosto frouxo, toda a paixão consumida. Ela puxou a cabeça de Kirsty para trás, expondo a garganta para a faca de Frank que se aproximava.

No último momento Kirsty ergueu os braços por sobre a cabeça e agarrou o braço de Julia, arrancando-a de seu poleiro do terceiro ou quarto andar. Perdendo tanto seu equilíbrio quanto seu poder sobre a vítima, Julia gritou e caiu, seu corpo ficando entre Kirsty e o golpe de Frank. A lâmina estava perto demais para ser evitada; ela afundou-se em Julia até o punho. Ela gemeu, então arrastou-se para o hall, a faca enterrada nela.

Frank mal pareceu notar. Seus olhos estavam em Kirsty de novo e eles brilhavam com horrendo apetite. Ela não tinha para onde ir, além de para cima. Os fogos de artifício ainda explodiam, os sinos ainda badalavam, ela começou a subir os degraus.

Seu perseguidor não veio de imediato atrás de si, ela viu. O apelo de Julia por ajuda o havia distraído para até onde ela caíra, no meio do caminho entre a escada e a porta da frente. Ele puxou a faca da lateral dela. Ela gritou de dor, e, como se fosse para ajudá-la, ele acocorou-se ao lado de seu corpo. Ela ergueu o braço para ele, buscando ternura. Em resposta, ele apoiou a cabeça em sua mão, e puxou-a em sua direção. Quando seus rostos se aproximaram a centímetros um do outro, Julia pareceu perceber que as intenções de Frank estavam longe de serem honoráveis. Ela abriu a boca para gritar, mas ele selou seus lábios com os seus e começou a se alimentar. Ela chutou e arranhou o ar. Tudo em vão.

Afastando o olhar da visão desta depravação, Kirsty engatinhou para o alto da escada.

O segundo andar não oferecia nenhum lugar real para se esconder, é claro, nem havia nenhuma rota de fuga, exceto pular de uma das janelas. Mas tendo visto o conforto frio que Frank acabara de oferecer a sua amante, pular era claramente a opção mais preferível. A queda pode quebrar cada osso de seu corpo, mas ao menos privaria o monstro de mais alimento.

Os fogos de artifício pareciam estar diminuindo; o corredor estava coberto de uma escuridão enevoadada. Ela cambaleou por ele ao invés de andar, os dedos se apoiando na parede a cada passo.

Lá embaixo, ela ouviu Frank se mover de novo. Ele terminara com Julia.

Agora ele falou ao começar a subir as escadas, o mesmo convite incestuoso:

– Venha para o Papai.

Ocorreu a ela que os Cenobitas estavam provavelmente assistindo esta perseguição como um pequeno entretenimento, e não agiriam até haver somente um jogador em pé: Frank. Ela estava perdida ao prazer deles.

– Bastardos... – ela suspirou, e esperou que eles ouvissem.

Ela havia quase alcançado o final do patamar. A sua frente estava o quartinho usado como depósito. Ele tinha uma janela que ela podia alcançar pela qual pudesse pular? Se tivesse, ela iria pular, e os amaldiçoaria em sua queda – amaldiçoaria a todos. Deus e o Diabo e tudo o mais que existisse entre eles, amaldiçoaria-os e quando chegasse ao chão, esperaria por nada mais que o concreto fosse rápido com ela.

Frank a chamava de novo e quase do topo da escada. Ela girou a chave na fechadura, abriu o quartinho-depósito e entrou.

Sim, havia uma janela. Não havia cortinas e a luz do luar caía através de montes de beleza indecente, iluminando um caos de móveis e caixas. Ela avançou pela confusão até a janela. Estava aberta quatro ou seis centímetros para arejar o quarto. Ela colocou os dedos sob a moldura e tentou erguê-la o suficiente para poder subir, mas o peitoril na janela estava podre e seus braços não aguentaram a tarefa.

Ela procurou rapidamente por algo para usar como alavanca, uma parte de sua mente friamente calculando o número de passos que levaria para cobrir a distância até o patamar. Menos de vinte, ela concluiu, enquanto arrancava os lençóis que cobriam as caixas e baús, somente para encontrar um homem morto encarando-a do baú, de olhos selvagens. Ele estava quebrado em dezenas de locais, braços esmagados e dobrados sobre si mesmos, pernas puxadas até o queixo. Bem quando ia soltar um grito, ela ouviu Frank na porta.

– Onde você está? – ele perguntou.

Ela levou a mão à boca para abafar o grito de repulsa que quase saiu. Ao fazê-lo, a maçaneta da porta girou. Ela escondeu-se atrás de uma poltrona velha, engolindo o grito.

A porta abriu. Ela ouviu a respiração de Frank, levemente resfolegante, ouviu o som dos pés descalços no assoalho. Então o som da porta sendo fechada de novo. Houve um clique. Silêncio.

Engolir o fôlego sobre o qual o seu grito se formara, acarretou um inconveniente efeito colateral: soluços. O primeiro deles, tão inesperado que não teve tempo de sufocá-lo, saiu alto como um tiro. Mas não houve passos retornando do corredor. Frank, parecia, já estava longe demais para ouvir. Quando ela voltou à janela, desviando do baú-caixão, um segundo soluço a assustou. Ela silenciosamente apertou a barriga, mas em vão. Um terceiro e quarto vieram incontrollável enquanto lutava mais uma vez com a janela. Aquilo também era um esforço infrutífero; não pareceu adiantar nada.

Brevemente, ela avaliou a possibilidade de quebrar o vidro e gritar por ajuda, mas rapidamente descartou a ideia. Frank estaria comendo seus olhos antes dos vizinhos sequer acordarem. Ao invés disto, ela retraiu seu passo, e abriu uma pequena fresta. Não havia sinal de Frank, até onde seus olhos conseguiam interpretar as sombras. Cautelosamente, abriu a porta um pouco mais e saiu novamente para o patamar.

As sombras eram como uma coisa viva; sufocava com beijos lúgubres. Ela avançou três passos, sem nenhum incidente, então um quarto. No quinto (seu número da sorte) seu corpo deu uma de suicida. Ela soluçou, a mão lenta demais para subir à boca antes do som sair.

Desta vez, não passou despercebido.

– Aí está você, – disse uma sombra, e Frank saiu do quarto para bloquear seu caminho. Ele estava mais veloz pela sua alimentação – ele parecia tão grande quanto o corredor – e fedia a carne.

Sem nada a perder, ela berrou a plenos pulmões quando ele veio em sua direção. Ele ficou imperturbado pelo seu terror. A centímetros de distância entre sua pele e a ponta da faca dele, ela jogou-se para o lado e viu que o quinto passo trouxera-a para perto do quarto de Frank. Ela cambaleou pela porta aberta. Ele veio atrás dela em um instante, crocitando de deleite.

Havia uma janela neste quarto, ela sabia; ela mesma havia quebrado o vidro, há poucas horas. Mas a escuridão era tão profunda que ela parecia estar blindada, nem mesmo uma réstia de luz do luar para aliviar sua vista. Frank aparentemente estava igualmente perdido. Ele chamou-a do fundo daquele poço; o som da sua faca acompanhando seus chamados enquanto golpeava o ar. Para frente e para trás, para frente e para trás. Afastando-se do som, o pé dela tropeçou nas bandagens no chão. No momento seguinte ela estava tombando. Não caiu sobre o assoalho, mas no monte gorduroso de ruínas que era o corpo de Rory. Aquilo lhe custou um uivo de horror.

– Aí está você – disse Frank. Os golpes da faca estavam subitamente mais próximos, a centímetros de sua cabeça. Mas ela estava surda a eles. Ela tinha os braços em volta do corpo sob ela, e a proximidade da morte não era nada comparada a dor que sentia agora, ao tocá-lo.

– Rory, – ela gemeu, contente de que seu nome fosse o que estaria em seus lábios quando a morte viesse.

– Isto mesmo – disse Frank – Rory.

De alguma forma o roubo do nome de Rory era tão ou mais imperdoável quanto roubar sua pele; ou assim lhe disse sua dor. A pele não era nada. Porcos tinham pele; serpentes tinham pele. Elas eram feitas de células mortas, que se dividiam, se regeneravam, e depois se dividiam de novo. Mas um nome? Era um feitiço, que invocava memórias. Ela não deixaria Frank apossar-se dele.

– Rory está morto – ela disse. As palavras a feriram e com a dor, o fantasma de um pensamento.

– Shhhh, benzinho... – ele disse a ela.

(suponha que os Cenobitas estejam esperando que Frank admita seu nome real. O visitante no hospital não tinha dito algo sobre Frank confessar?)

– Você não é Rory... – ela disse.

– Nós sabemos disto – veio a resposta – mas ninguém mais sabe.

– Quem é você então?

– Pobrezinha. Já está louca, não é? Que bom...

– Quem, então?

– ... é mais seguro deste jeito.

– Quem?

– Shhh, benzinho. – ele disse. Ele estava inclinando-se até ela na escuridão, seu rosto distante centímetros dela. – Tudo vai ficar tão bem quanto a chuva.

– Sim?

– Sim. Frank está aqui, bebê.

– Frank?

– Isto mesmo. Eu sou Frank.

Dito isto, ele deu um golpe fatal, mas ela o ouviu vindo da escuridão e conseguiu desviar. Um segundo depois o sino voltou a soar e a lâmpada nua no meio do quarto tremeluziu de volta à vida. Sob sua luz, ela viu Frank ao lado do irmão, a faca afundada na bunda do homem morto. Enquanto ele tentava tirar a faca do ferimento, ele voltou a pôr os olhos sobre ela.

Outra badalada, ele se levantou e teria atacado-a... se não fosse a voz.

Ela disse o seu nome, levemente, como se chamando uma criança para brincar.

– Frank.

Seu rosto caiu pela segunda vez na noite. Uma expressão de confusão passou por ele, e em seu encalço, horror.

Lentamente, ele virou a cabeça para olhar para quem falou. Era o Cenobita, com os ganchos brilhando. Atrás dele, Kirsty viu mais três figuras, cujas anatomias eram catálogos de desfiguramento.

Frank lançou um olhar de volta a Kirsty.

– Você fez isto. – ele disse.

Ela anuiu.

– Saia daqui – disse um dos recém-chegados. – Isto já não é mais problema seu.

– Vagabunda! – Frank berrou para ela. – Cadela! Maldita puta mentirosa!

O grito de ira a seguiu através do quarto até a porta. Quando sua palma se fechou sobre a maçaneta, ela ouviu-o vir atrás dela, e virou para ver que ele estava a menos de meio metro dela, a faca a distância de um fio de cabelo de seu corpo. Mas lá estava ele parado, incapaz de avançar por mais um milímetro.

Eles o tinham sob ganchos, a carne de seus braços e pernas, e encurvados através da carne de seu rosto. Presas aos ganchos, correntes, as quais eles puxavam. Houve um som suave, quando a resistência dele

afundou o metal em seus músculos. A boca dele estava escancarada, seu pescoço e peito totalmente abertos.

A faca caiu de seus dedos. Ele expeliu uma última e incoerente maldição contra ela, seu corpo estremecendo enquanto perdia sua batalha contra eles e sua reivindicação sobre si. Centímetro a centímetro foi puxado de volta para o meio do quarto.

– Vá – disse a voz do Cenobita. Ela não podia mais vê-los; eles já estavam perdidos por trás do ar cheio de sangue. Aceitando a sugestão, ela abriu a porta, enquanto atrás dela Frank começou a gritar.

Quando pisou no corredor caía gesso do teto em uma cascata; a casa estava gemendo do porão ao teto. Ela tinha de se apressar, ela soube, antes que quais fossem os demônios que estavam soltos ali destruíssem completamente o local.

Mas, embora o tempo fosse curto, ela não pôde se impedir de dar uma olhada em Frank, para certificar-se de que ele não poderia mais vir atrás dela.

Ele estava a beira da morte, atravessado por ganchos em dúzias de locais, ferimentos frescos surgindo nele enquanto ela observava. De braços abertos sob a lâmpada, o corpo rebocado aos limites de suas forças e além, ele emitia berros que teriam merecido dó por parte dela, se ela não soubesse quem ele era.

De repente, seus gritos silenciaram. Houve uma pausa. E então, em um último gesto de desafio, ele ergueu sua cabeça pesada e encarou-a, fixando seu olhar com olhos dos quais toda a perplexidade e malícia haviam debandado. Eles brilhavam ao pousarem sobre ela, pérolas em vísceras.

Em resposta, as correntes foram puxadas ainda mais fortes, mas os Cenobitas não obtiveram nenhum outro grito dele. Ao invés disto, ele mostrou a língua a Kirsty, e tintilou-a entre os dentes em um gesto de lascívia impenitente.

Então ele se despedaçou.

Seus membros foram separados de seu torso e sua cabeça de seus ombros, em uma confusão de ossos despedaçados e calor. Ela fechou a porta, enquanto algo batia contra ela do outro lado. A cabeça dele, ela achava.

Então, ela estava cambaleando para baixo, como se perseguida por lobos, e os sinos em agitação, e em todos os lugares – espessando o ar como fumaça – os fantasmas de pássaros feridos, asas coladas ponta a ponta, sem poder voar.

Ela alcançou o fim da escada, e atravessou o hall até a porta da frente, mas enquanto se aproximava da liberdade, ouviu alguém chamá-la.

Era Julia. Havia sangue no chão do hall, fazendo uma trilha do ponto onde Frank havia abandonado-a, atravessando a sala de jantar.

– Kirsty... – ela chamou de novo. Era um som de dar dó, e apesar do ar sufocante, ela não pode evitar de se aproximar.

Os móveis eram carvão em brasa; as cinzas que ela tinha vislumbrado eram um tapete de cheiro horrível. E lá, no meio desta destruição doméstica, sentava-se uma noiva.

Por alguma força de vontade extraordinária, Julia havia conseguido vestir o vestido de noiva, e colocar o véu na cabeça. Agora ela se sentava na sujeira, o vestido imundo. Mas ela parecia radiante, apesar disto, mais linda de fato, pelo fato de estar rodeada de ruínas.

– Me ajude – ela disse, e só então Kirsty percebeu que a voz que ouviu não vinha sob o véu, mas do colo da noiva.

E agora que as copiosas dobras do vestido se separavam, lá estava a cabeça de Julia – pousada em um travesseiro de seda escarlate e emoldurada por uma queda de cabelos castanhos. Desprovida de pulmões, como podia falar? Ainda assim, falava...

– Kirsty – ela disse, ela implorou... e suspirou, e rolava para frente e para trás no colo da noiva como se na esperança de servir a seus propósitos.

Kirsty podia ter ajudado – podia ter espremido a cabeça até fazer o cérebro escorrer – mas quando o véu da noiva começou a contorcer e se erguer, como se puxado por dedos invisíveis. Por baixo, uma luz tremeluziu e se intensificou, e mais ainda, e com a luz, uma voz.

– Eu sou o Engenheiro – a voz sussurrou. Não mais do que isto.

Então as dobras caneladas subiram mais alto e a cabeça por baixo ganhou o brilho de um sol menor.

Ela não esperou pela chama que a cegasse. Ao invés disto, recuou pelo corredor do hall – os pássaros quase sólidos agora, os lobos insanos – e voou para a porta da frente ao mesmo tempo em que o teto do hall começava a ceder.

A noite a envolveu – uma escuridão limpa. Ela respirou em movimentos sôfregos enquanto se afastava da casa correndo. Era sua segunda fuga daquele jeito. Que Deus ajudasse a sua sanidade, se houvesse uma terceira.

Na esquina da Rua Lodovico, olhou para trás. A casa não havia ruído ainda às forças desencadeadas. Ela estava agora tão silenciosa quanto um tumulto. Não. Mais silenciosa.

Quando voltou a se virar, alguém trombou nela. Ela gritou de surpresa, mas o pedestre apressado já corria em outra direção, na escuridão ansiosa que precedia o amanhecer. Enquanto a figura desaparecia nos limites da solidez, ela deu uma olhada para trás, e aquela cabeça sob o capuz brilhou na escuridão, um cone de fogo branco. Era o Engenheiro. Ela não teve tempo para desviar o olhar; ele desapareceu de novo em um instante, deixando seu brilho nos olhos dela.

Só então ela descobriu o propósito da trombada. A caixa de Lemarchand tinha voltado para ela e estava em sua mão.

Sua superfície estava imaculadamente selada novamente, e polida até um alto brilho. Apesar de não tê-la examinado, tinha certeza de que não haveria pista nenhuma para a solução de sua abertura. O próximo explorador percorreria suas faces sem um mapa. E até aquela ocasião, ela havia sido eleita como guardiã? Aparentemente sim.

Ela a revirou em sua mão. Pelo mais frágil dos momentos pareceu ver fantasmas na laca. O rosto de Julia e o de Frank. Ela virou várias vezes, buscando ver se Rory era mantido ali: mas não. Onde quer que ele estivesse, não era ali. Havia outros enigmas, talvez, que se solucionados davam acesso ao local onde ele vagava. Uma

palavra-cruzada, talvez, cuja solução ergueria a beirada do jardim do paraíso, ou um enigma nos moldes daquele que dava acesso ao País das Maravilhas.

Ela aguardaria e observaria, como ela sempre observara e aguardara, na esperança de que tal enigma um dia caísse em suas mãos. Mas se ela não o encontrasse, não lamentaria muito, por medo de que a cura de corações partidos fosse um enigma que nem a inteligência, nem o tempo tivesse a capacidade de solucionar.

D.I.Y. - Electric Sheep

Tradução de fãs, para fãs!



1- Uma caixa de pássaro cantor autômato (boîte à oiseau chanteur em francês) consiste em uma caixa, geralmente com forma retangular, que contém em seu interior um ave mecânica de pequeno tamanho situado debaixo de um medalhão ou tampa ovalada e ativada por meio de um dispositivo. Suas origens estão na cidade suíça de Genebra, e sua invenção em 1784-1785 é atribuída a Pierre Jaquet-Droz.

Table of Contents

<u>UM</u>	
<u>DOIS</u>	
	<u>1</u>
	<u>2</u>
	<u>3</u>
	<u>4</u>
<u>TRÊS</u>	
	<u>1</u>
	<u>2</u>
	<u>3</u>
	<u>4</u>
<u>QUATRO</u>	
	<u>1</u>
	<u>2</u>
	<u>3</u>
<u>CINCO</u>	
<u>SEIS</u>	
<u>SETE</u>	
	<u>1</u>
	<u>2</u>
	<u>3</u>
<u>OITO</u>	
	<u>1</u>
	<u>2</u>
<u>NOVE</u>	
<u>DEZ</u>	
	<u>1</u>
	<u>2</u>
	<u>3</u>
<u>ONZE</u>	
	<u>1</u>
	<u>2</u>